



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
EDUCAÇÃO, CONSTRUÇÃO DAS CIÊNCIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS  
GRUPO DE ESTUDO E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MOVIMENTO**

**PAULO HENRIQUE BEZERRA**

**O VOO E OS CÂNTICOS NO QUILOMBO DE ACAUÃ: AS PRÁTICAS  
EDUCATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE DE UMA  
COMUNIDADE**

**NATAL-RN  
2024**

PAULO HENRIQUE BEZERRA

**O VOO E OS CÂNTICOS NO QUILOMBO DE ACAUÃ: AS PRÁTICAS  
EDUCATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE DE UMA  
COMUNIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo.

NATAL- RN  
2024

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN  
Sistema de Bibliotecas - SISBI  
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Bezerra, Paulo Henrique.

O voo e os cânticos no quilombo de Acauã : as práticas educativas na construção da cultura e identidade de uma comunidade / Paulo Henrique Bezerra. - 2024.

91 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, RN, 2024.

Orientação: Profa. Dra. Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo.

1. Práticas educativas - Dissertação. 2. Cultura - Dissertação. 3. Quilombo. 4. Acauã. 5. Identidade - Dissertação. I. Rêgo, Maria Carmem Freire Diógenes. II. Título.

RN/UF/Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE CDU  
37:316.722 (=013)

PAULO HENRIQUE BEZERRA

**O VOO E OS CÂNTICOS NO QUILOMBO DE ACAUÃ: AS PRÁTICAS  
EDUCATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADE DE UMA  
COMUNIDADE**

Aprovada em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo – Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Melquisedeque de Oliveira Fernandes – Examinador Externo  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Josineide Silveira de Oliveira – Examinadora Interna  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Aparecida da Silva Fernandes – Examinadora Suplente Externa  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Irene Alves de Paiva – Examinadora Suplemente Interna  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Dedico esta dissertação às minhas oito irmãs, em especial a Ana Priscila, Neuma e Ana Lúcia, que sempre estiveram me apoiando em todos os momentos da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Após todo caminho percorrido no mestrado, sinto-me na alegria de lembrar o poema que segue: “Uma parte de mim é todo mundo; outra parte é ninguém: fundo sem fundo. Uma parte de mim é multidão: outra parte estranheza e solidão. Uma parte de mim pesa, pondera; outra parte delira. Uma parte de mim é permanente; outra parte se sabe de repente” (Ferreira Gullar).

Agradecer é reconhecer as muitas partes que estiveram comigo no trânsito de inquietações e calma percorrido durante o mestrado. Essas partes eu citarei como uma oração a Deus, suplicando bênçãos para cada um e cada uma que menciono a seguir:

Aos meus pais, Maria das Graças, mulher de oração e exemplo de resiliência, e Raimundo Bezerra, homem que criou, com muito pouco que tinha, quatorze filhos. Pai, obrigado pelas muitas gargalhadas que o senhor proporcionou, além dos muitos momentos de aventuras nos antigos carros.

Aos meus cinco irmãos, representados por Camilo Bezerra, ser que para mim é exemplo de pessoa, de atleta e de profissional. Gratidão por tudo e perdão pelos meus erros diante de ti.

Aos amigos e amigas, agradeço nas pessoas de Ageilma, Albanita, Mércia Geane, Magna Cristina, Ana Maria e Ana Mateus, pelas muitas loucuras/aventuras vividas com discernimento e por todo apoio e carinho que sempre me dedicaram.

À minha orientadora, professora Carmem Rêgo, manifesto minha gratidão pelo caminho que trilhamos juntos até alcançar o resultado desta dissertação.

A Manoel Honório Romão, que sempre dizia: “Você é capaz de realizar... você é capaz de realizar...”. Gratidão pelos ensinamentos partilhados que contribuíram para esta escrita.

Ao meu compadre e amigo, Manoel Mariano, que certa vez escreveu para mim: “Não há possibilidade de dizer um não ao senhor”. Gratidão pela tua presença no meu universo.

A todas as pessoas da comunidade de Acauã, nas pessoas de Francisca e Fátima, que tanto representam o quilombo e estiveram sempre à disposição para atender às minhas necessidades de pesquisa.

Aos pesquisadores nas áreas de educação, cultura afro-brasileira, metodologia científica, enfim, a todos os que citei nas referências, agradeço pelas suas escritas,

que foram fundamentais para as minhas afirmações neste trabalho.

A todos e todas que compõem o Grupo de Estudo de Práticas Educativas em Movimento (GEPEM), pelo compartilhamento de leituras, experiências acadêmicas e indicações de caminhos para melhor trilhar o período do mestrado. Em especial aos colegas desse grupo que participaram dos dias de leitura e aos professores Gilberto Ferreira Costa, Marcos Saiande, Irene Alves de Paiva e Josemi Medeiros.

Ao pessoal da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Poço Branco-RN (2021 a 2023) e aos colegas das Escolas Municipais Tancredo de Almeida Neves e Alexandre Câmara, ambas em Parazinho, pela atenção e disposição para ouvir minhas dificuldades como ser humano.

À minha tia Aparecida, mulher que sempre rezou e reza pelos familiares.

Ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – com sede na Av. Prudente de Moraes, Natal-RN, pelo excelente atendimento e pelos dados proporcionados sobre o quilombo de Acauã.

E a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, cruzaram meus caminhos e contribuíram para a realização desta dissertação.

Nenhum tema é apenas o que aparece na forma linguística que o expressa. Há sempre algo mais oculto, mais profundo, cuja explicitação se faz indispensável a sua compreensão geral. Desta forma, escrever sobre um tema implica em buscar, tanto quanto possível, romper as aparências enganosas que podem conduzir-nos a uma distorcida visão do mesmo. Isto significa que temos de realizar o esforço difícil de desembaraçá-lo destas aparências para acompanhá-lo como fenômeno, dando-se numa realidade concreta (Paulo Freire).

## RESUMO

O presente estudo identificou as práticas educativas no quilombo de Acauã, localizado na cidade de Poço Branco/RN, no tocante à compreensão das contribuições decorrentes dessas práticas para o fortalecimento da cultura e da identidade da comunidade quilombola pesquisada. Destacamos que o grupo de *dança da farinha* das mulheres negras, a casa de farinha, a associação dos moradores, a escola municipal Maria Francisca Catarina e as religiões são identificados como práticas educativas que revelam especificidades socioculturais, historicidade e as resistências às desigualdades sofridas pelos moradores do quilombo. As reflexões em torno dos conceitos de cultura e identidade foram referenciadas a partir da literatura freireana. Realizamos o estudo da realidade para a compreensão do universo significativo no qual os sujeitos da pesquisa estão inseridos. Esse estudo foi realizado a partir dos três momentos pedagógicos pautados nas considerações teóricas de Pernambuco (2013). Utilizamos entrevistas semiestruturadas, gravações, anotações diversas e registros fotográficos. Os resultados revelam, por fim, que as práticas educativas são pilares para manter a cultura e a identidade em Acauã vivas, permitindo, assim, o resgate de saberes e ensinamentos de outrora na atual conjuntura quilombola.

**Palavras-chave:** Acauã. Cultura. Identidade. Quilombo. Práticas Educativas.

## ABSTRACT

This study identified the educational practices in the quilombo of Acauã, located in the city of Poço Branco/RN, aiming to understand how these practices contribute to the strengthening of the culture and identity of the quilombola community studied. We highlight that the black women's *dança da farinha* group, the casa de farinha, the residents' association, the Escola Municipal Maria Francisca Catarina, and religious practices are identified as educational practices that reveal the sociocultural specificities, historicity, and resistance to inequalities faced by the residents of the quilombo. Reflections on the concepts of culture and identity were anchored in Freirean literature. We conducted a study of reality to comprehend the significant universe in which the research subjects are embedded. This study was carried out based on three pedagogical moments guided by the theoretical considerations of Pernambuco (2013). We used semi-structured interviews, recordings, various notes, and photographic records. The results reveal that these educational practices are pillars for maintaining the culture and identity of Acauã, thereby enabling the preservation of ancestral knowledge and teachings within the current quilombola context.

**Keywords:** Acauã. Culture. Identity. Quilombo. Educational Practices.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Registro de escravizados no RN.....	25
<b>Figura 2</b> - Trajeto do rio Ceará-Mirim .....	28
<b>Figura 3</b> - Josefa Catarina .....	30
<b>Figura 4</b> - Objetos guardados por dona Josefa (Cunhã Velha) .....	32
<b>Figura 5</b> - Identificações de Acauã .....	36
<b>Figura 6</b> - Vista aérea do quilombo.....	37
<b>Figura 7</b> - Realidades de Acauã .....	39
<b>Figura 8</b> - Momentos de apresentações do grupo da farinhada .....	46
<b>Figura 9</b> - Cantoria na casa de farinha .....	47
<b>Figura 10</b> - Casa de farinha do quilombo .....	50
<b>Figura 11</b> - Produção de farinha .....	52
<b>Figura 12</b> - Frente da escola.....	54
<b>Figura 13</b> - Confraternização na escola.....	56
<b>Figura 14</b> - Educandos de Acauã na culminância do projeto paz.....	57
<b>Figura 15</b> - Frente da associação .....	61
<b>Figura 16</b> - Reunião na associação .....	62
<b>Figura 17</b> - Terço devocional mês de maio.....	64
<b>Figura 18</b> - Momento lúdico promovido pela igreja Deus no Brasil em Acauã .....	66
<b>Figura 19</b> - Práticas educativas em Acauã .....	70

## LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

- AMQA** – Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã
- CNPJ** – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
- COEPPIR** – Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
- EJA** – Educação de Jovens e Adultos
- EMATER** – Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural
- GEPEM** – Grupo de Estudos e Práticas Educativas em Movimento
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IFRN** – Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte
- INCRA** – Instituto de Colonização e Reforma Agrária
- LDB** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- ONG** – Organização não Governamental
- RN** – Rio Grande do Norte
- SME** – Secretaria Municipal de Educação
- UFRN** – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>A BUSCA DO VOO E DOS CÂNTICOS EM ACAUÃ</b>	<b>14</b>
1.1	QUANDO VEJO O VOO, SISTEMATIZO PESQUISA E METODOLOGIA	16
1.2	QUANDO ESCUTO OS CÂNTICOS, CONCEITUO AS PRÁTICAS EDUCATIVAS	19
1.3	QUANDO PERCEBO VOO E CÂNTICOS, REALIZO A ESTRUTURAÇÃO DESTE TRABALHO	21
<b>2</b>	<b>UM VOO SOBRE A HISTÓRIA DO QUILOMBO DE ACAUÃ</b>	<b>23</b>
2.1	UM BREVE RELATO DO TRÁFICO NEGREIRO NO RN	24
2.2	UM VOO EM DIREÇÃO À FORMAÇÃO DE UM QUILOMBO (SÉCULO XIX A 1968)	27
2.3	O NINHO DO PÁSSARO: CUNHÃ VELHA	29
2.4	O ABRIR DAS ASAS EM DIREÇÃO A UM NOVO NINHO	33
2.5	CONSTRUÇÃO DE UM NOVO NINHO: ACAUÃ (1968 A 2024)	34
<b>3</b>	<b>OS CÂNTICOS DO PÁSSARO: PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ACAUÃ</b>	<b>41</b>
3.1	O CÂNTICO FEMININO: GRUPO DE DANÇA DA FARINHADA DAS MULHERES NEGRAS	44
3.2	UM CÂNTICO PRODUTIVO: CASA DE FARINHA	49
3.3	CÂNTICO EDUCACIONAL: ESCOLA MUNICIPAL MARIA FRANCISCA CATARINA	53
3.4	UM CÂNTICO COLETIVO: ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO QUILOMBO DE ACAUÃ	58
3.5	CÂNTICOS RELIGIOSOS: RELIGIÕES EM ACAUÃ	63
3.6	OS CÂNTICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA CULTURA E IDENTIDADE DE ACAUÃ	67
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>73</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>78</b>
	<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM MEMBROS DO CONSELHO DA ASSOCIAÇÃO</b>	<b>84</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM LÍDERES RELIGIOSOS</b>	<b>85</b>
	<b>APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM MORADORES DE ACAUÃ QUE ATUAM NA ESCOLA</b>	<b>86</b>

<b>APÊNDICE D – REUNIÃO COM MULHERES DE ACAUÃ PARA CRIAÇÃO DO GRUPO DE ARTESANATO COM FOCO NA PRODUÇÃO DE PANEAS DE BARRO – DATA: 15 DE MAIO DE 2024.....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE E – POÇO TUBULAR - UMA REIVINDICAÇÃO ANTIGA DAS PESSOAS DO QUILOMBO QUE FOI EFETIVADA EM 2023 POR INICIATIVA DA PREFEITURA MUNICIPAL .....</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICE F – PRAÇA ECOLÓGICA CONSTRUÍDA PELAS PESSOAS DE ACAUÃ COM OBJETIVO DE UM ESPAÇO PARA PRÁTICAS DE LAZER - FINALIZADA EM 2023 .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE G – POESIA ESCRITA POR FRANCISCA CATARINO (ARTICULADORA DO GRUPO DA FARINHADA), PARA ABERTURA DE EVENTO NA PRAÇA PÚBLICA DA CIDADE DE POÇO BRANCO/RN, DEZEMBRO DE 2022.....</b>	<b>90</b>
<b>ANEXO A – DOCUMENTO OFICIAL DE REGISTRO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE ACAUÃ.....</b>	<b>91</b>

## 1 A BUSCA DO VOO E DOS CÂNTICOS EM ACAUÃ

Esta escrita utilizou a metáfora para ampliar e enriquecer o texto, considerando o uso dos termos “voo” e “cânticos do pássaro”. Usamos o verbo voo para falar dos episódios de deslocamento das pessoas de Acauã. Quando mencionamos “cânticos”, estamos nos referindo às práticas educativas. Nossa escolha de destacar “voo” e “cânticos do pássaro Acauã” justifica-se pelo nome do quilombo, que corresponde a uma ave que, na origem da história de Acauã, era comumente vista sobrevoando o antigo território.

Voo e cântico permeiam toda esta escrita como forma de ressaltar a resistência, o pertencimento, a emancipação, a conscientização, a dialogicidade, a dimensão política, cultural, social, educacional, religiosa e a territorialidade de um grupo quilombola com suas importâncias simbólicas em um processo histórico impulsionado pelas práticas educativas.

Ao tecer este trabalho, sinto-me agraciado pelo universo por ter a oportunidade de concluir uma pós-graduação em uma instituição de ensino renomada e dentro de uma linha de pesquisa na área da educação. Eu almejava isso desde que concluí minha primeira graduação e mantive-me dedicado a realizar o sonho de cursar um mestrado em uma instituição pública federal.

Afirmo que não me apresento aqui vazio. Este eu de hoje aproximou-se muito da literatura freireana e, graças a esse movimento de revisitar as obras do patrono da educação brasileira, humanizei-me ainda mais. Tornei-me discípulo e defensor da vida, da educação, e da maneira de pesquisar que contempla as leituras de mundo em torno da conscientização, do diálogo, da opressão e, especialmente, do verbo “esperançar”.

Ressalto que só obtive êxito após percorrer um longo caminho durante esses dois anos como mestrando. Em uma linguagem poética, esses caminhos levaram-me a muitas estações, cada qual com seu significado e contribuição para continuar a escrever, reescrever, pensar, agir e prosseguir. Assim, lembro-me das palavras de Freire (1996, p. 160) quando escreveu: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca”.

Tenho a grata satisfação de afirmar que as salas de aula no Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) foram estações constantes, onde pude deleitar-me em reflexões profundas sobre temas diversos no

universo da educação. Além disso, graças às vivências adquiridas nas disciplinas obrigatórias e optativas, esses ensinamentos enriqueceram meu processo como pesquisador e professor do ensino público em turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Destaco outra estação de estudo, acolhimento e intensos diálogos freireanos: a sala do Grupo de Estudos e Práticas Educativas em Movimento (GPEM). Um lugar que, para mim, representa uma áurea candente no horizonte da pesquisa científica, fortalecendo estudos voltados às práticas de educação emancipatórias e promovendo diálogos por uma sociedade menos opressora.

Dito isso, saliento que, desde 2017, mantenho contato com a comunidade quilombola de Acauã. No primeiro momento, estava inserido em um contexto católico, onde participei de eventos formativos na pastoral do batismo. Na época, tratava-se de um movimento religioso voltado para o batismo de pessoas adultas. No segundo momento, sem perder o contato com as pessoas do quilombo, passei a frequentá-lo na condição de secretário municipal de educação, entre os anos de 2021 e 2022. O terceiro e último momento data dos anos de 2023 e 2024, quando me debrucei sobre Acauã para o desenvolvimento deste estudo.

Registro, ainda, que tive a alegria de participar de muitos momentos nesse território, que considero sinônimo de resistência, à medida que me aproximei da história de vida das pessoas de Acauã. No entanto, foi no diálogo com os moradores, durante a pesquisa, que passei a conhecer as muitas tramas (voos e cânticos) desse lugar<sup>1</sup>. Nessa imersão, concordo com o pesquisador Fernandes (2010) ao entender que uma pesquisa no horizonte de investigação da vida de pessoas rurais, assentadas e camponesas trata-se, primeiramente, de perceber o complexo processo social que elas vivenciaram e continuam a vivenciar até os dias atuais.

Desde já, deixo clara a importância de investigar as práticas educativas em Acauã para compreendê-las no contexto do fortalecimento das dimensões de cultura e identidade no território local. Essas práticas revelam as dinâmicas dos quilombolas em direção à práxis de sua gente. Com essa investigação, justifico a relevância dessas práticas como pilares para manter vivas as origens, as narrativas da história local, as

---

<sup>1</sup> Entre as vivências formativas e dialogais em Acauã, destaco a que ocorreu no dia 12 de junho de 2023, com a professora doutora Marta Genú Soares e o professor doutor Tiago Tendai. Foi um momento de escuta que proporcionou a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre diversos temas de Acauã a partir das falas das mulheres do quilombo. Esse encontro possibilitou fazer muitas anotações, as quais, desde então, têm me ajudado a organizar esta dissertação.

especificidades socioculturais e a resistência às desigualdades sofridas pelos moradores do quilombo.

No exercício de pesquisar as práticas educativas, o diálogo com os moradores do quilombo foi constituído de maneira prazerosa, além de ser marcado por muitos momentos de risos, reciprocidade e emoções durante os diversos diálogos. Nesse sentido, ao investigar o protagonismo dos sujeitos em um território rural, como é o caso de Acauã, fruto de lutas, resistências e esperanças, concordo com Paiva (2003, p. 07) quando afirma: “Os fundamentos filosóficos, políticos e as experiências vividas pelos sujeitos dão sentido e orientam as interpretações da realidade”.

Como se vê a seguir, destacamos que as práticas educativas vão além da escolarização. Elas são identificadas como práticas sociais que possibilitam a construção de culturas e identidades de pertencimento. Isso é algo que observamos na trajetória histórica do quilombo de Acauã, em sua formação como território, nas vivências sociais e nos espaços presentes na comunidade.

### 1.1 QUANDO VEJO O VOO, SISTEMATIZO PESQUISA E METODOLOGIA

Esta dissertação teve como objetivo identificar as práticas educativas em Acauã, a fim de compreender suas contribuições para as dimensões de identidade e cultura nesse território quilombola, localizado na cidade de Poço Branco/RN. Os “Voo” e “cânticos” foram sistematizados a partir das práticas educativas pesquisadas, como um aprofundamento teórico enfatizando a literatura freireana para enriquecer nosso estudo.

A pesquisa originou-se a partir de uma problemática que gerou três questionamentos: a) Como os sujeitos do território remanescente de quilombo compreendem as práticas educativas? b) Quais são essas práticas e como foram inseridas no passado e no presente do quilombo? c) Como essas práticas educativas contribuíram e contribuem para os aspectos de cultura e identidade? Para entender essa problemática, acreditamos que apenas com a sistematização dessas práticas poderemos justificar e perceber a importância delas no que diz respeito ao surgimento e à permanência do quilombo.

Identificamos que a Escola Municipal Maria Francisca Catarina, a Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã, o grupo de *dança da farinha* das mulheres negras, a casa de farinha e as religiões locais são expressões de práticas educativas

no quilombo. Destacamos esse coletivo de aprendizagem<sup>2</sup> com base nos seguintes critérios: manifestam práticas coletivas; proporcionam o diálogo e a troca de experiências e saberes; e promovem discussões e decisões coletivas sobre a vida em comunidade.

Para alcançar o objetivo do nosso trabalho, optamos pela pesquisa de abordagem qualitativa na “atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos e sociais” (Sandín, 2010, p. 127). Para compreender das práticas educativas, estivemos em Acauã durante um ano e cinco meses. As visitas (pesquisas) ocorriam, por vezes, em finais de semanas, mas muitos momentos de convivência com os moradores aconteceram durante a semana, dependendo da disponibilidade deles.

Num primeiro momento, estudamos a realidade local. Para isso, visitamos casas, templos religiosos, a casa de farinha, a escola, entre outros espaços, e participamos de encontros na associação para dialogar com os moradores. Durante esses momentos de diálogo na associação, às vezes assumíamos o papel de protagonistas, conduzindo perguntas aos presentes - crianças, jovens, mulheres e homens - com o objetivo de registrar informações iniciais sobre a formação do quilombo e organizar o estudo sobre a realidade local. Também ouvimos líderes religiosos, membros da associação, pessoas que frequentavam a casa de farinha, professoras e demais moradores de Acauã, enriquecendo assim nossa pesquisa.

Nas observações cotidianas, utilizamos ferramentas como máquina fotográfica, celular para gravação, cadernos para anotações e entrevistas semiestruturadas para a coleta de diversas informações relacionadas à nossa temática de pesquisa. Durante as entrevistas, sempre procuramos saber se alguém do quilombo possuía materiais relacionados à história de Acauã, como livros, reportagens, portfólios, artigos impressos, entre outros. Essa iniciativa complementava a literatura bibliográfica selecionada para fundamentar a presente pesquisa. Além disso, tivemos contato com um exemplar do livro *Quilombolas de Acauã* (Valle, 2013), uma obra relevante para nossa discussão teórica.

Esse exercício de pesquisa contou com contribuições das disciplinas cursadas durante o mestrado, bem como dos seminários de orientação, nos quais, a cada

---

<sup>2</sup> Justificamos que, ao longo desta escrita, o termo 'coletivo de aprendizagem' é utilizado para se referir à casa de farinha, à Escola Municipal Maria Francisca Catarina, à Associação, bem como ao grupo da farinhada e às religiões locais.

encontro, páginas foram sendo acrescentadas e outras guardadas para um momento oportuno. Contudo, registro a importância dos Ateliês em Práticas Educativas e Movimento<sup>3</sup>, que proporcionaram ricos momentos de aprendizado, reflexões críticas sobre educação e estudos direcionados pelo pensamento freireano.

Para enriquecer a pesquisa realizada junto ao quilombo de Acauã e aprimorar a escrita e a estrutura da dissertação, recorreremos ao arcabouço acadêmico do Grupo de Estudos e Práticas Educativas em Movimento - GEPEM<sup>4</sup>. Assim, pesquisamos artigos, dissertações, teses e livros produzidos pelos membros desse grupo, com foco em práticas coletivas e educativas em movimento, relacionadas aos estudos sobre movimentos sociais e à literatura freireana.

Escritos pelos pesquisadores e colaboradores do GEPEM, os livros *Práticas Coletivas na Escola* (2013) e *Práticas Coletivas: O Pensamento e a Práxis Pedagógica em Marta Pernambuco* (2019) foram obras valiosas para a melhor compreensão dos saberes em torno das práticas educativas em movimento, à luz das reflexões de Paulo Freire. Cada capítulo contribuiu para o enriquecimento de ideias que, em determinados momentos, necessitavam de clareza teórica para sustentar e desenvolver nossa escrita.

Aderimos às propostas de pesquisa do GEPEM, em consonância com o que Rêgo (2006, p. 77-78) registra sobre os princípios desse grupo: “O sujeito, enquanto ser histórico-social, faz parte de uma determinada comunidade; o conhecimento é construído nas relações sociais e a realidade é geradora de conteúdo; dialogicidade, construção coletiva e processo de conscientização”. Nesse sentido, passamos a compreender que nossa proposta de examinar as práticas educativas em Acauã se insere nesses princípios, pois contempla o olhar para a realidade concreta dos sujeitos.

Sistematizar uma prática educativa é, antes de tudo, compreender e pesquisar a realidade, os saberes coletivos e outras manifestações sociais e culturais do público que se deseja estudar. Essa afirmação está em consonância com as palavras de Silva (2007, p. 101), quando ele afirma:

---

<sup>3</sup> Disciplina optativa idealizada e ofertada pelo Grupo de Estudos e Práticas Educativas em movimento (GEPEM), no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED). Para saber mais sobre essa disciplina, consulte as referências Mendonça; Nascimento; Rêgo (2019).

<sup>4</sup> No artigo de Rêgo e Pernambuco (2019), citado nas referências desta dissertação, encontramos um melhor entendimento dos referenciais formativos do GEPEM.

Sistematizar é analisar criticamente o processo de construção de uma ou várias experiências; é a base para uma teorização sobre a prática e a partir dela, com a intenção de desvelar e explicitar a lógica que sustenta essa prática e qualificá-la.

Em pesquisas sobre a história de Acauã, nos deparamos com escritos de cunho etnográfico de Valle (2013), de natureza educacional em Silva (2014), e sobre territorialidade em Arguedas (2014; 2017). Para um melhor entendimento da práxis em movimentos sociais, debrucei-me sobre a tese de Paiva (2003) e a dissertação de Fernandes (2010). Registramos também o teor reflexivo em torno de cultura e identidade, referenciando Paulo Freire, com uma leitura atenta das obras *Pedagogia do Oprimido* (2015), *Educação como Prática da Liberdade* (2020) e *Ação Cultural para a Liberdade* (2006).

Para compreender as dinâmicas das práticas educativas que envolvem os aspectos de identidade e cultura em Acauã, realizamos entrevistas com pessoas que são referências em determinadas áreas, ou seja, aquelas inseridas na escola, na associação, na casa de farinha, ou em grupos religiosos e culturais. As perguntas foram direcionadas com ênfase em entender o passado e o presente do quilombo, visando estruturar melhor nossa pesquisa e nossas reflexões, compreendendo o processo de construção da comunidade estudada ao longo de sua história.

## 1.2 QUANDO ESCUTO OS CÂNTICOS, CONCEITUO AS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Toda a pesquisa foi estruturada a partir das práticas educativas desenvolvidas no quilombo de Acauã. O arcabouço teórico em torno do conceito de prática educativa esteve centrado na literatura freireana, com o entendimento de que a práxis humana é indissociável da ação do homem diante da realidade em que está inserido. Como afirma Freire (2015, p. 128): “Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres históricos-sociais”.

Reconhecemos, assim como Saul (2014, p. 130), que “o pensamento de Paulo Freire ultrapassa as fronteiras da área da educação stricto sensu e se estende para diferentes campos do conhecimento”. Prova disso é o nosso interesse em aprofundar a contextualização dos aspectos de cultura e identidade a partir das observações de

Paulo Freire, o que permite um olhar sócio-histórico, humanizado e atento à práxis nas ações dos sujeitos em busca da transformação de suas realidades.

Nesse sentido, Silva (2007, p. 22) define as práticas educativas como:

[...] totalidade praxiológica, uma prática social e histórica, interface antropológica entre distintas teias de significados, detentora de uma cultura que possui especificidades, substanciadas em uma epistemologia social constituída de momentos de continuidades e de superações, intencional e comprometida com determinadas visões de homem e de mundo, e com diferentes interesses sociais, econômicos, étnicos e de gênero, tradicionalmente comprometidos com a hegemonia e com a ideologia de classes e de grupos detentores do poder e, por conseguinte, passível de mudanças a partir da análise de seus conflitos e contradições e da ação de seus sujeitos históricos.

Compreendendo a existência humana em sua relação no e com o mundo, enquanto sujeitos gnosiológicos, Freire (1992) ressalta que, nas mais distintas relações que os indivíduos estabelecem entre si, as práticas educativas são determinantes na produção da cultura, na formação da identidade e na compreensão da história de determinados grupos em relação à humanização e às suas maneiras de estar no mundo. As práticas educativas são métodos de ensino, cidadania e construção coletiva em torno da história de grupos sociais.

Junto a essas características,

na medida em que estabelece suas relações socioculturais e com o mundo existente, o ser humano pode vir a ser mais. [...] É a esse ser mais que Freire concebe como a humanização do ser humano, enquanto finalidade da espécie *Homo sapiens* (Delizoicov; Delizoicov; Silva, 2020, p. 356).

O conceito de “ser mais” serve como referência para a superação das ordens de opressão e do modo de vida colonizado por situações de injustiça social e falta de oportunidades.

As práticas educativas revelam a formação dos grupos sociais, seus saberes, suas lutas, sua maneira de agir e de permanecerem vivos enquanto sujeitos da práxis, que oficializa crenças, educação, significados e humanização. Desse modo, concebemos a prática educativa como “uma ação dotada de sentido, portadora de valores e crenças, pautada no diálogo entre saberes que são compartilhados pelos sujeitos na e pela interação social” (Crusaé; Moreira; Pina, 2014, p. 54).

No complexo processo de desenvolvimento de suas histórias, os quilombos efetivaram e continuam a buscar efetivar sua cultura e identidade por meio das práticas educativas, que estão inseridas e vivenciadas em condições existenciais diversas, conforme sua realidade objetiva. Trata-se de pensar nos territórios quilombolas como um campo pedagógico, com muito a ensinar e oferecer à sociedade, através do processo de transformações que vivenciaram e da busca por legitimar cada vez mais suas práticas educativas.

### 1.3 QUANDO PERCEBO VOO E CÂNTICOS, REALIZO A ESTRUTURAÇÃO DESTE TRABALHO

Neste estudo, optamos por desenvolvê-lo em três capítulos, além da conclusão. Na introdução, intitulada *A busca do voo e dos cânticos em Acauã*, apresentamos o objeto de estudo, a metodologia de pesquisa e outras considerações esclarecedoras, detalhando a jornada realizada para a conclusão desta dissertação. Desde a introdução, deixamos clara a importância deste trabalho para a compreensão dos valores culturais e de identidade a partir das práticas educativas.

No segundo capítulo, *Um voo sobre a história do quilombo de Acauã*, apresentamos uma escrita marcada pela descrição biográfica do quilombo, seu surgimento e progresso até o ano de 2024, quando concluímos a pesquisa em campo. Iniciamos com um breve registro histórico do tráfico negreiro no Rio Grande do Norte, uma iniciativa necessária para compreender a conjuntura inicial do grupo que pesquisamos.

No terceiro capítulo, *Os cânticos em Acauã: as práticas educativas*, a escrita tem como finalidade apresentar a descrição e o aprofundamento das práticas educativas identificadas no território fonte da pesquisa. Este é o espaço do trabalho que revela o protagonismo de nossa presença em Acauã. Somente assim, chegamos ao registro dessas práticas após muitas vivências no quilombo, detalhando os momentos, os cânticos - ou seja, as manifestações culturais e identitárias - que resultam nas práticas educativas.

Em toda a escrita, aprofundamos nossa discussão utilizando termos freireanos como diálogo, conscientização, opressão e emancipação. Nessa perspectiva de leitura e releitura das práticas educativas, adotamos uma abordagem analítica, apresentando fatores que intervieram na história do quilombo e que conferem cultura

e identidade como elementos indissociáveis no projeto histórico do território e da vida quilombola.

Por fim, apoiados nos apontamentos teóricos sistematizados e observados na dinâmica de vida do grupo de Acauã, acentuamos que as práticas educativas dão sentido à natureza histórica, cultural e identitária dessa comunidade. A partir disso, as experiências quilombolas se configuram como uma intervenção em uma realidade social marcada por um passado de opressão e por uma busca constante por um território mais justo, politizado e livre de qualquer preconceito e racismo.

## 2 UM VOO SOBRE A HISTÓRIA DO QUILOMBO DE ACAUÃ



**Fonte:** José Evanuel Catarino. Morador do quilombo de Acauã (2024).

Este capítulo foi estruturado em duas partes com o objetivo de detalhar a formação do quilombo de Acauã. Na primeira parte, apresenta-se um subtópico que, de maneira sucinta, traz observações sobre o período escravista africano no Rio Grande do Norte. Em seguida, discute-se o movimento iniciado pelo primeiro escravizado, com vistas ao início da formação territorial e populacional, com ênfase no ano de 1868, no século XIX. Nessa parte, destaca-se o termo "Cunhã Velha", pois é assim que os moradores do quilombo se referem às suas origens.

Na sequência, enfatizamos o voo no espaço geográfico atual (1968 a 2024). Nessa parte, abordamos as práticas educativas protagonizadas pelos quilombolas diante dos muitos episódios de suas vidas, bem como as agregações culturais que foram desenvolvidas ao longo dos anos. Em ambas as passagens de tempo, incluímos reflexões sobre o sujeito enquanto ser histórico-social que faz parte de uma determinada comunidade e que se humaniza e se constrói no tempo histórico e no espaço social, conforme observado em Rêgo (2006).

De modo geral, neste capítulo, ressaltam-se os aspectos da história, cultura, contextos socioeconômicos, aspectos educacionais, práxis e dimensão ancestral observados no quilombo de Acauã. A partir dessa descrição, será melhor compreendido o contexto de vida social no quilombo desde seu surgimento. A narrativa sobre o tempo histórico foi construída graças à contribuição dos moradores mais antigos e de outros, com base nas pesquisas realizadas *in loco* e no referencial teórico voltado para Acauã.

O voo que apresentamos aqui revelou realidades de luta por território, superação de preconceitos, agruras de vulnerabilidades, falta de assistência por parte das políticas públicas e, principalmente, o fortalecimento da cultura e identidade, promovido pelo próprio protagonismo dos quilombolas desde o surgimento de seu território, por meio das práticas educativas. Diante de tudo isso, observa-se um voo esperançoso, iniciado no passado e fortalecido no presente por aqueles que acreditam na força quilombola.

## 2.1 UM BREVE RELATO DO TRÁFICO NEGREIRO NO RN

Antes de falar sobre o surgimento do quilombo de Acauã, é válido tecer considerações, mesmo que de forma concisa, sobre a biografia histórica do trabalho escravo africano em terras potiguares. Isso é necessário para revelar como ocorreu a

vinda do primeiro escravizado para o quilombo de Cunha Velha. Destaca-se que, para uma revisão literária mais abrangente sobre o tráfico negreiro e os quilombos no Rio Grande do Norte e no Brasil, podem ser consultados os estudos de Nascimento (1980), Moura (2021), Valle (2013) e Medeiros (1988).

A história mostra que, durante o período colonial, enquanto os portugueses dominavam o território brasileiro, a mão de obra escrava esteve presente nas atividades econômicas. Esse fenômeno, segundo Cascudo (1984), remonta à sesmaria concedida na capitania do Rio Grande, datada de 1600. A partir de então, o trabalho escravo africano se expandiu por todo o território potiguar. Dando um salto no tempo, vejamos o quadro da presença de povos escravizados em alguns municípios do Rio Grande do Norte, divulgado em 30 de junho de 1884, no boletim da Sociedade Libertadora Norte-Rio-Grandense, conforme observado em Cascudo (1984).

**Figura 1** - Registro de escravizados no RN

Natal .....	246
Macaíba .....	239
Goianinha .....	527
Ceará-Mirim .....	777
Jardim .....	432
Imperatriz .....	569
Pau dos Ferros .....	520

**Fonte:** Cascudo (1984, p. 189).

Esses dados são revelados para chamar atenção ao município de Ceará-Mirim, que, até hoje, é formado por um território com extensas plantações de cana-de-açúcar. Sob uma perspectiva histórica, Cascudo (1984, p. 380) registra: “Ceará-Mirim, avançando desde 1851, ostentava sua floresta de chaminés, fumegando os fornos de 44 engenhos”. Além disso, Valle (2013, p. 93) enfatiza:

Grande extensão do baixo vale do rio Ceará-Mirim, inclusive a nova sede municipal, passou a ser incrementada, como já notei, pela consolidação da economia canavieira no século XIX. [...] O cultivo da cana-de-açúcar também impulsionou outras atividades econômicas da região como, por exemplo, o plantio de produtos agrícolas básicos (mandioca, feijão, milho, etc).

Partindo dessas observações sobre o passado escravocrata ligado à cana-de-açúcar, destaca-se aqui a cidade de Ceará-Mirim, local de fuga do escravo que fundou o quilombo de Acauã. Vale também mencionar a presença do vale do rio que leva o nome dessa cidade, e que

durante o processo de crescimento da exploração da cana-de-açúcar no vale foi necessária a aquisição de mão de obra para o trabalho no processo produtivo, sendo ela composta por escravizados e homens livres (Silva, 2022, p. 17).

Em Ceará-Mirim, observava-se um grande número de escravizados trabalhando nos engenhos. Muitos desses escravos fugiram em diferentes direções para formar quilombos nas regiões próximas à cidade. Prova disso é o quilombo de Coqueiros, que até hoje está localizado em Ceará-Mirim, assim como o quilombo de Acauã, situado na cidade de Poço Branco, a mais de trinta quilômetros de distância.

Sobre o primeiro escravo presente em Cunhã Velha, não se sabe nada sobre sua história, nem de qual parte da África ele veio. Quanto ao comércio de escravizados na província do Rio Grande, observa-se que:

De acordo com a historiografia local, os negros não eram importados da África, o mercado fornecedor era Pernambuco, sendo difícil a sua obtenção em virtude da concorrência pernambucana (maior produtor), que necessitava dos mesmos (Santos, 2001, p. 25 *apud* Silva, 2022, p. 17).

Nesse sentido, é provável que o primeiro morador de Cunhã Velha tivesse relação com escravizados pertencentes aos mercados escravistas entre estados próximos à província do Rio Grande.

Esse olhar sobre o passado escravocrata no Rio Grande do Norte serve como uma forma de destacar a cidade de Ceará-Mirim e entender a formação do quilombo de Acauã. A história desse território quilombola não surgiu de forma aleatória; diversas

situações contribuíram para a origem, crescimento e permanência do quilombo, o que será justamente abordado nas linhas que seguem.

## 2.2 UM VOO EM DIREÇÃO À FORMAÇÃO DE UM QUILOMBO (SÉCULO XIX A 1968)

Quilombo é definido em dicionários, como o da UNESP (2004), como um recanto de refúgio ou um espaço formado por pessoas que fugiram da escravidão no período colonial. Ampliando o entendimento do verbete "quilombo", Medeiros (1989, p. 11) define-o como: “[...] grupos de fugitivos que, apossando-se de terras ainda virgens, criavam sua própria forma de organização econômica, social e política”.

Poderíamos acrescentar aqui outras definições do termo "quilombo", mas há uma definição freireana que abrange essas e outras perspectivas:

Os quilombos foram um momento exemplar daquele aprendizado de rebeldia, de reinvenção da vida, de assunção da existência e da história por parte de escravas e escravos que, da ‘obediência’ necessária, partiram em busca da invenção da liberdade (Freire, 2020, p. 149).

Com essa consideração freireana, iniciamos a descrição da história do quilombo de Cunhã Velha (Acauã) de maneira metafórica, comunicando um voo de rebeldia e fuga, partindo de um engenho canavieiro na cidade de Ceará-Mirim e pousando em um espaço de terra ao lado do rio Ceará-Mirim, na cidade de Poço Branco, Rio Grande do Norte. Esse voo esperançoso foi iniciado pelo escravizado José, no século XIX, que foi o primeiro protagonista a contribuir para a existência do quilombo.

Segundo relatos dos moradores mais antigos de Acauã, ressaltados durante a pesquisa, a fuga ocorreu ao longo do trajeto do vale do rio Ceará-Mirim (figura 2), que atravessa várias cidades da região do Mato Grande e outras. Destacam-se os municípios de Ceará-Mirim, Taipu e Poço Branco, considerando que José Acauã os atravessou até alcançar um determinado território à beira do referido rio.

O mapa a seguir oferece uma visão do trajeto do rio Ceará-Mirim, destacando a distância entre as cidades mencionadas, que totaliza mais de trinta quilômetros. Santos (2001) enfatiza a extensão dos canaviais no vale do rio Ceará-Mirim, os quais

eram cultivados por mão de obra escrava. Portanto, quem melhor conhecia os canaviais eram justamente aqueles que trabalhavam neles: os escravizados.

**Figura 2 - Trajeto do rio Ceará-Mirim**



**Fonte:** Google imagens (adaptado) (2023).

O ponto 1 do mapa corresponde ao território de Ceará-Mirim, onde, na época, eram comuns os engenhos e suas produções canavieiras, mantidas por trabalho escravo africano. O ponto 2 identifica o local onde José Acauã estabeleceu sua morada e fundou o quilombo, ao lado direito do rio Ceará-Mirim, na região da cidade de Poço Branco, próximo ao local onde, mais de 150 anos depois, foi construída a barragem Engenheiro José Batista do Rego Pereira.

Não há registros sobre o ano exato em que o primeiro nativo chegou ao território que ele mesmo escolheu para viver uma nova história. Nos relatos obtidos de pessoas locais, certas palavras foram destacadas para melhor entender a chegada desse primeiro nativo. Na fala da senhora Maria Barbosa, 69 anos, conhecida no quilombo como dona Zuleide: “Zé Cunhã (José Acauã), ele saiu fugido da escravidão lá de Ceará-Mirim até o lado direito do rio ali. Ali onde tudo começou, em Cunhã Velha”.

Outra informação foi compartilhada por Francisco Catarino, 64 anos: “Cunhã Velha tem mais de 200 anos. É isso que meus pais falavam e outros, os mais velhos daqui”. Na busca por melhor identificar o período de origem do quilombo:

Não há consenso sobre quão antiga é a comunidade. Alguns dizem que tem 300 anos, outros dizem que tem 200. De todas as formas, para além do momento exato de fundação, o que é importante destacar é que se trata de uma ocupação antiga, pois os

antepassados dos moradores atuais, inclusive dos mais velhos, já eram nascidos e criados ali, sendo que no momento de sua chegada aparentemente não tinha ninguém na área (Arguedas, 2014, p. 25).

Acredita-se que, com a chegada de José Acauã, outras pessoas escravizadas, principalmente aquelas que moravam em áreas próximas ao rio, passaram a viver no quilombo. Famílias foram se formando, e o território foi sendo povoado com práticas educativas fundamentadas na identidade dos remanescentes africanos, produzindo assim protagonismo de resistência, representações ancestrais e costumes próprios.

A fuga de José Acauã resultou na formação de um espaço de libertação. Contudo, sobre esse espaço pairava a incerteza quanto à permanência de um grupo isolado de tudo. Restava aos primeiros quilombolas de Acauã buscar práticas de sobrevivência. Nesse contexto, por muito tempo, a garantia de alimentação se dava por meio da pesca no rio Ceará-Mirim e da agricultura de subsistência.

Cabe, mais uma vez, enfatizar que os quilombos,

Representaram, durante muito o regime colonial e imperial, uma forte estratégia de resistência negra e um elemento de desestabilização da lógica escravista. [...] os quilombos, historicamente, se constituíram como unidades de protesto e de experiências social, de resistência e reelaboração dos valores sociais e culturais dos africanos e seus descendentes em todas as partes nas quais a sociedade latifundiário escravista se manifestou (Souza, 2008, p. 26).

Resistência, reelaboração de valores, estratégias de vida, entre outras considerações, são termos associados à iniciativa de José Acauã na formação do seu quilombo. Trata-se de uma situação de sobrevivência que não se pode descrever completamente, mas que reforça a compreensão de que os primeiros moradores do quilombo de Acauã desenvolveram características culturais e identitárias capazes de construir aspectos político-organizativos, com atenção à formação de um território e de uma comunidade em uma época marcada por violências contra os povos negros.

### 2.3 O NINHO DO PÁSSARO: CUNHÃ VELHA

Seguindo as afirmações nos estudos de Rocha (2021), nos quilombos há, de forma latente, uma práxis que integra os sujeitos à cultura desde o início da formação desses espaços. Nesse sentido, o quilombo é um espaço de formação com

características, dramas e identidades sociais próprias, que atravessam gerações a partir dos ensinamentos culturais que nesses espaços se manifestaram.

A respeito do início do quilombo de Acauã, é importante destacar as palavras freireanas quando ele diz:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “invasão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens (Freire, 2015, p. 51).

Um território, em sua essência, formado por fugitivos, por pessoas que almejavam a liberdade - a condição de ser humano que não era visível devido às realidades de opressão (escravidão) - foi e continua sendo um espaço de práxis, testemunho de que a ação humana é capaz de se reinventar, de criar reflexivamente para o "Ser mais", como escreveu Paulo Freire. Assim, vínculos de pertencimento foram criados, proporcionando fazeres pedagógicos como resultados das práticas educativas.

Devido à ausência de documentos escritos sobre as práticas educativas em Cunchã Velha, restam os testemunhos de alguns moradores que viveram lá e que relatam suas experiências aos familiares e aos pesquisadores interessados no quilombo. Um exemplo disso é a senhora Josefa Catarina da Silva, a moradora mais antiga de Acauã, que, aos 98 anos, ainda vive na comunidade.

**Figura 3** - Josefa Catarina



Fonte: Luana Dantas (2023).

As falas de algumas pessoas do quilombo revelaram as práticas educativas que ocorriam em Cunhã Velha. Em resumo, algumas delas incluem: educação na escolinha, devoção a santos e à padroeira do quilombo, Nossa Senhora de Fátima, artesanato em barro (panelas, potes, jarras), pescaria, danças populares como boi de reis e pastoril, atividades agrícolas, festas coletivas em casamentos, culinária, cantorias folclóricas e a preparação de remédios caseiros a partir de plantas medicinais.

Feito esse levantamento, identificamos um elo entre duas palavras que abrangem todas essas práticas: cultura e identidade. A primeira, cultura, na dimensão que Freire (1979, p. 16) esclarece: “O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem”. A segunda, identidade, refere-se a um aspecto específico de vida, a um modo de viver constituído por resistências e aprendizados em um grupo tradicional.

Após esse panorama, destacam-se as falas de quem viveu em Cunhã Velha, começando por Francisco Catarino Filho, que nos ajudou a entender melhor a vida no quilombo antes do ano de 1968:

Acauã se dividia em duas, uma de um lado do rio e outra do lado de cá do rio. Mas era uma só, era porque passava o rio. Lá acontecia as coisas de antigamente. Agricultura. Bebia água de cacimba do rio, cavava um buraco para pegar a água de pouquinho com cuia e encher o pote. O movimento do dia a dia era esse. Bem cedo, vinha pegar água na cacimba e tomava o cafezinho e pronto. Lá todo mundo vivia de roçadinho, mas vivia mais de alugado. Que era o trabalho para os patrão (Francisco Catarino Filho, 2024).

Em busca de mais informações sobre as vivências em Cunhã Velha, o senhor Pedro Gomes da Silva, 73 anos, ressaltou:

Trabalhava alugado, adiantado, o patrão pagava no sábado ou no domingo. Plantava algodão, milho, feijão, fava. Tirava dois dias para o nosso e os outros para o trabalho alugado. Lá as famílias sobreviviam disso. As mulheres, a minha tia, mamãe fazia louça, panela, pote, cristaleira, tudo de barro e vendia pelas feiras. Mas agora acabou-se, a tradição acabou-se (Pedro Gomes, 2024).

Nas falas de Pedro Gomes, Francisco Catarino Filho e dona Josefa, ficou confirmado que 16 famílias deixaram Cunhã Velha após a construção da barragem para morar no novo espaço do quilombo, como será destacado nas linhas do próximo

tópico. Essas primeiras famílias não permitiram que a cultura e a identidade de sua gente se fragmentassem diante da situação de abandono indesejado de seu território e, assim, buscaram significados por meio das práticas educativas para recriar a história de seu lugar.

**Figura 4** - Objetos guardados por dona Josefa (Cunhã Velha)



Fonte: Acervo do autor (2024).

Dona Josefa Catarina da Silva afirmou que havia uma escola: “Os meninos, uns frangotes, as moças iam para a escola, era uma casa separada.” Ela lembra que trabalhava no roçado e na arte de fazer louça, como panelas, potes e outros objetos de barro, que eram vendidos na feira de Poço Branco Velho. No aspecto religioso, ela recorda: “O padre vinha celebrar missa no Contador, em Poço Branco Velho, na Cunhã não vinha. No mês de maio, o povo rezava o terço”.

Nas falas acima, dois povoados, duas comunidades foram citadas: Poço Branco Velho e Contador. Assim como Cunhã Velha, esses povoados eram formados por grupos de pessoas que se estabeleceram próximos ao rio Ceará-Mirim. No entanto, nesses dois locais, os territórios eram mais desenvolvidos do que em Cunhã Velha, com a presença de fazendas, comércios, feiras livres, igrejas, e plantios de algodão, feijão, milho e mandioca. Muitos dos quilombolas trabalhavam para os fazendeiros dessas regiões, principalmente nas atividades desenvolvidas nas casas de farinha e nas diversas plantações.

Para José Catarino Neto, 64 anos, que também morou em Cunhã Velha, naquela época havia novenas dedicadas a santos populares, como São José e São Sebastião, além de atividades culturais como João Redondo, pastoril, coco de roda e futebol. A fala de José Catarino está em sintonia com o pensamento de outros entrevistados e revela que, em Cunhã Velha, havia um grupo de pessoas negras com raízes culturais e uma identidade singular, que buscavam manter o sentimento de pertencimento coletivo e resistência diante das dificuldades de sobrevivência.

#### 2.4 O ABRIR DAS ASAS EM DIREÇÃO A UM NOVO NINHO

Em Cunhã Velha, os quilombolas permaneceram até o ano de 1968. Com o início da construção da barragem de Poço Branco, houve a necessidade de deslocamento dos quilombolas devido a essa obra. Como consequência, as casas dos moradores foram indenizadas pela construtora Nóbrega Machado e “do prefeito da época que botaram o povo de lá pra cá, porque lá iam encher e cobrir as casas. E aí eles vieram pra aqui, vieram morar nesse quadradozinho” (Dona Zuleide, 2023).

Esse “quadradozinho” citado anteriormente fica a aproximadamente um quilômetro de distância entre o território do antigo quilombo e o novo. Com essa situação de afastamento, dois fatos negativos foram identificados. O primeiro é a fragmentação do grupo de famílias de Cunhã Velha, pois algumas pessoas, das 16 famílias que lá moravam, optaram por viver em outros espaços, cidades ou povoados próximos. O segundo fato foi a perda das terras que eram cultivadas e habitadas pelos moradores.

As terras que não foram atingidas pela construção da barragem foram tomadas por senhores latifundiários, conforme citado nos estudos de Arguedas (2014). Assim, no novo espaço territorial, a vida social precisou ser reinventada devido a alguns fatores: a falta de terras para plantio, o acesso restrito às águas do açude, e a situação de que:

Aparecem as cercas na paisagem de Acauã, um elemento até então ausente na sua configuração territorial e, assim, os moradores se veem na obrigação de trabalhar nas fazendas vizinhas, vítimas de exploração e preconceito racial. A comunidade teve que enfrentar a falta de terra e d'água durante esse tempo (Arguedas, 2017, p. 78).

Nesse cenário de resignificação da vida em um espaço forçado, tornou-se necessária uma nova dinâmica de grupo para manter o quilombo vivo, apesar da falta de oportunidades como escola, casa de farinha, água potável e terra para trabalhar. Como manter vivos os cânticos que ocorriam no antigo espaço, com mais de 200 anos de história? Isolados, de certa forma, e distantes da cidade de Poço Branco e de outros povoados, foi preciso encontrar meios de sobrevivência para sustentar as famílias do quilombo.

O episódio da saída do grupo quilombola do antigo espaço para um novo foi uma violência brutal que atingiu as famílias. Isso agravou a resistência diante das vulnerabilidades, limitou o quilombo a um espaço mínimo de terra para atividades agrícolas e fez com que as pessoas de Acauã procurassem sobrevivência trabalhando em terras alheias.

Deve-se ainda acrescentar que:

A nova Acauã marcava-se por uma situação bastante diferente da anterior. Não havia facilidade de acesso aos recursos hídricos e às águas do rio Ceará-Mirim, que distava mais de um quilômetro. Sem esses recursos, abandonaram a produção de cerâmica e o trabalho na olaria foi interrompido. Não havia, tampouco, facilidade de acesso a terrenos férteis de várzea e arisco para cultivos e roçado (Valle, 2013, p. 241).

Nesse contexto de resignificação da vida coletiva, a práxis no quilombo não morreu, pois, como lembra Freire (2015, p. 52): “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens no mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos”. Esse olhar sobre a práxis em Cunhã Antiga, além do episódio de deslocamento, permite refletir sobre como os moradores do quilombo se mantiveram fortalecidos em sua cultura e identidade, algo que será detalhado a seguir.

## 2.5 CONSTRUÇÃO DE UM NOVO NINHO: ACAUÃ (1968 A 2024)

Nos estudos acadêmicos sobre quilombos, como os de Souza (2008) e Nascimento (2017), "território" é uma palavra marcante, pois “o processo de territorialização das comunidades quilombolas está estreitamente relacionado com a organização social” (Souza, 2008, p. 86). Sem sombra de dúvida, no ano de 1968, o

maior valor retirado do grupo quilombola de Acauã foi a terra, o espaço territorial, compreendido por Valle (2013) como sentimentos de pertença, princípios de organização social e construção da identidade.

Cunhã Velha deixou de existir, e o quilombo passou a ter um novo formato territorial, um “quadradozinho”, longe do rio e das terras antes povoadas pelos quilombolas. Nesse novo contexto, algumas práticas educativas foram gradualmente abandonadas, como a produção de panelas e outros objetos de barro, e as apresentações de boi de reis e pastoril. Por outro lado, como será observado a seguir, conquistas também foram alcançadas em Acauã, como a criação da casa de farinha, a associação dos moradores, a escola e o clube de festas.

Entre perdas e conquistas, vida antiga e vida nova, cabe ressaltar as palavras de Freire (2015, p. 239): “Ação cultural, cuja prática para conseguir a unidade dos oprimidos vai depender da experiência histórica e existencial que eles estejam tendo, nesta ou naquela estrutura”. O início do novo quilombo contou, principalmente, com essa ação cultural como uma forma de reestruturar os saberes ancestrais e fortalecer as práticas educativas.

Atualmente, oitenta e sete famílias residem em Acauã, correspondendo a 298 pessoas, sendo 152 homens e 146 mulheres, segundo o censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É importante salientar os fortes laços de parentesco entre as famílias, ou seja, a formação familiar baseada em relações de parentesco entre os próprios moradores.

Acauã foi reconhecido como território remanescente de quilombo em 2004, conforme o Decreto Presidencial 4.887/2003. A comunidade pertence à cidade de Poço Branco, na região do Mato Grande, no Estado do Rio Grande do Norte. A distância entre o centro da cidade e o quilombo é de três quilômetros, enquanto da capital do estado, a distância é de sessenta quilômetros. Acauã faz divisa com alguns povoados de Poço Branco, como Contador, Xavier e Lagoa do Carpina, e está localizada em uma área de constante trânsito de automóveis e pessoas devido às estradas carroçáveis que circundam o quilombo, conectando-o a esses povoados e à cidade.

A relação que os moradores mantêm com seu território expressa-se por meio das artes e do cuidado com a terra. É comum encontrar obras de arte que representam figuras afro, o que permite compreender a valorização da cultura e identidade de seus antepassados. Seja na escola, na associação, nos muros das casas ou em outros

locais, os moradores fazem questão de divulgar suas tradições, mostrando aos visitantes o quanto o território de Acauã é um espaço de identidade étnico-racial.

**Figura 5** - Identificações de Acauã



Fonte: Acervo do autor (2023).

O quilombo possui uma área de 540,51 hectares, sendo que a região com residências está situada no centro dessa área (figura 6), correspondendo a um conjunto de vilas composto por 94 casas. As demais áreas são terrenos usados pelos moradores para o cultivo de batata, mandioca, feijão, milho, entre outros, além da criação de animais. Outra parte é composta por um campo de futebol e uma praçinha

ecológica. O território também faz fronteira com o açude localizado em Poço Branco, proporcionando oportunidades para pesca e lazer.

**Figura 6** - Vista aérea do quilombo



**Fonte:** Acervo do autor (2023).

Mesmo sendo uma comunidade com um número expressivo de pessoas, Acauã sofre com a falta de atendimento em algumas áreas públicas, como saúde e assistência social. A comunidade carece de uma unidade básica para atendimento médico, que atualmente é realizado na associação, a qual não conta com infraestrutura clínica adequada. O atendimento médico ocorre a cada 15 dias. Quanto ao atendimento odontológico, ele é realizado na unidade de saúde municipal mais próxima ao quilombo, localizada no distrito de Contador, que também pertence a Poço Branco.

Os atendimentos voltados ao serviço social são realizados apenas na sede da cidade de Poço Branco. Nessa área, há um número expressivo de mulheres beneficiadas pela política social por meio do programa Bolsa Família. Outro programa que beneficia a comunidade é o Programa do Leite, uma iniciativa do governo estadual que distribui gratuitamente leite para famílias em situação de vulnerabilidade no quilombo.

Há uma presença forte de homens que trabalham na construção civil como pedreiros e serventes, prestando serviço nas cidades próximas ou na capital. É muito comum observar pais de família trabalhando nos roçados, e, em muitos casos, mesmo

aposentados, continuam nas atividades rurais voltadas ao plantio de feijão, mandioca, milho, fava, capim e macaxeira.

A falta de água encanada na comunidade é uma situação grave, com períodos de até trinta dias sem abastecimento nas residências. Nos quintais de muitas casas, há cisternas para armazenar água da chuva ou água trazida por carros-pipa fornecidos pela prefeitura. Em 2023, a prefeitura municipal deu início a um sistema de abastecimento de água por meio de um poço perfurado, concluído em 2024, o que permitiu a oferta de água para a população quilombola.

Quando questionada sobre as dificuldades no quilombo, Maria Roseane, 41 anos, que sempre morou em Acauã, respondeu:

A dificuldade aqui pra gente é a água e a saúde. A água quando é tempo de chuva tudo bem, pois tem cisternas, ai ficam cheias e a gente usa para tudo. A saúde precisa melhorar. Nós não temos postinho, precisamos ir para Contador ou Poço Branco. Médico aqui, quando vem, é em quinze e quinze dias. Mas fora isso, a gente vai vivendo, fazendo isso e aquilo pra melhorar de vida (Maria Roseane, 2023).

É interessante frisar que, desde 1968, Acauã passou a constituir o quilombo no espaço atual devido à construção da barragem de Poço Branco. Passados mais de cinquenta anos, as ações de políticas públicas, especialmente por parte da prefeitura, são mínimas quando comparadas à realidade de outras comunidades do município de Poço Branco, onde as escolas são mais estruturadas, há unidade básica de saúde, e os cemitérios fazem parte da comunidade. Essa situação evidencia a falta de apoio por parte dos governantes e das secretarias municipais em relação a Acauã.

Destacamos que, por muito tempo, o quilombo sofreu com a invisibilidade social, marcada pela falta de terra e água, e pela ausência de direitos básicos como educação e saúde. Diante dessa invisibilidade social, os moradores de Acauã precisaram lutar pelo alcance de seus direitos, por meio de um protagonismo de resistência.

Essa abordagem sobre Acauã, mesmo que concisa, permitiu compreender como o quilombo se caracteriza e se organiza no presente. Alguns moradores de Acauã destacam a dificuldade de desenvolver sua cultura e fortalecer sua identidade, devido à falta de apoio por parte de setores públicos, como o governo municipal e estadual, por exemplo.

**Figura 7 - Realidades de Acauã**



Casa de show



Pedro dialogando sobre a história de Acauã



Jardim coletivo no quilombo



Jovens quilombolas em dia de formação na Associação com grupo da UFRN



Crianças de Acauã no parque de diversão local



Dona Zuleide cuidando da horta

Fonte: Acervo do autor (2023).

Com a construção histórica e descritiva sobre Acauã e as reflexões realizadas em torno de saberes, territorialidade e o protagonismo dos quilombolas diante das muitas lutas de vida, ainda é válido lembrar:

A ideia de território quilombola, para alguns, traz subjacente a imagem de segregação e isolamento. Todavia, em comunidades quilombolas a terra avança este caráter, não se constituindo apenas condições de fixação, sendo, sobretudo, condição para existência do grupo e de comunidade das referências simbólicas. O território quilombola se constitui enquanto um agrupamento de pessoas que se reconhecem com a mesma ascendência étnica, que passam por inúmeros processos de transformações culturais como formas de adaptação resultantes do caminhar da história, mas se mantêm, se fortalecem e redimensionam as suas redes de solidariedade (Nunes, 2010, p. 145).

Não se pode deixar de registrar que, ao elegermos uma escrita atenta à descrição histórica da comunidade de Acauã, é necessário observar as marcas de um passado de lutas territoriais e sociais, acompanhadas de reivindicações que abrangem a busca por direitos políticos e a visibilidade de um grupo oriundo de povos tradicionais. Entendemos, assim como Souza e Silva (2021, p. 31), que um território quilombola não se limita a um espaço estável, mas sim a “espaços de vivências culturais, de formação política e de partilha de saberes ancestrais”.

Para Arguedas (2017), os movimentos quilombolas são protagonistas de lutas que vão além do espaço de territorialidade, estendendo-se à luta pelo modo de viver com uma identidade própria. Evidencia-se que, em meio às adversidades históricas, os quilombolas impulsionaram “a construção de uma autoimagem positiva, a recuperação da coletividade étnica de pertencimento e o fortalecimento dos vínculos comunitários” (Arguedas, 2017, p. 75). Essas observações estão em sintonia com as conquistas realizadas pelas pessoas de Acauã, após um caminho trilhado de incertezas e esperança, que resultou na estruturação da comunidade quilombola que Acauã se tornou no presente.

Em suma, levando em conta as considerações explanadas neste capítulo, torna-se urgente refletir sobre a vitalidade cultural e identitária no quilombo de Acauã nos dias de hoje. Como objeto de reflexão, destacamos a afirmação de que as práticas educativas são fundamentais para a permanência e o fortalecimento dessa vitalidade. É nesse sentido que desenvolvemos o capítulo seguinte, no qual exploramos os cânticos do pássaro, com a intenção de aprofundar o conhecimento das práticas educativas no quilombo.

### 3 OS CÂNTICOS DO PÁSSARO: PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ACAUÃ

“O amor da minha vida é este quilombo”<sup>5</sup>.

“Tenho o maior orgulho de ser negrinha de Acauã” .

“Nasci e quero morrer aqui” .

“A casa de farinha é minha segunda casa” .

“Ave Maria, minha devoção a nossa senhora de Fátima é muito grande” .

“A escolinha foi onde aprendi sobre a vida” .

“Acauã é tudo; orgulho, paz, amor, vizinhança” .

Neste espaço da dissertação, fazem-se notas no que tange às práticas educativas a partir do grupo de *dança da farinha* das mulheres negras, da casa de farinha, da Escola Municipal Maria Francisca Catarina, da Associação dos Moradores

---

<sup>5</sup> Falas dos moradores do quilombo durante a pesquisa.

do Quilombo de Acauã (AMQA) e dos movimentos religiosos. É nesse coletivo de aprendizagem que observamos contribuições para a cultura e a identidade, voltadas ao fortalecimento das práticas educativas no quilombo.

No entendimento de Garcia (2014, p. 15), “todo agrupamento humano desenvolve culturas que orientam as práticas sociais”. Assim, pensar nas práticas educativas é compreender concepções de unidade, pertencimento e singularidade a partir das ações culturais desenvolvidas pelas pessoas de Acauã, seja na escola local, na associação, na casa de farinha, nas religiões ou no grupo da farinhada. Há um empoderamento relacionado ao pertencimento no que diz respeito à identidade quilombola por meio dessas práticas educativas.

As práticas educativas desenvolvidas, cantadas e vividas no coletivo de aprendizagem em Acauã são pilares que sustentam o quilombo, promovendo a divulgação, permanência, transmissão de cultura e valorização da identidade quilombola. Dessa forma, ao envolver as pessoas de Acauã nas práticas educativas dentro dessas dimensões, também se nota o conhecimento cultural e identitário ao:

Considerar que o conhecimento é construído nas relações sociais significa dizer que ele é construído coletivamente. Desde muito cedo, os sujeitos apreendem com o grupo social do qual fazem parte, tanto regras sociais como valores, crenças, atitudes, linguagens e explicações, evoluindo, ao longo de sua vida, em consequência de seu crescimento orgânico e do tipo de relações que estabelecem (Rêgo; Pernambuco, 2019, p. 09).

O protagonismo das pessoas que formam o quilombo, uma expressão de práxis, revela uma vivência dinâmica e humanizada diante da realidade social e do espaço histórico, rico em práticas educativas que permitem compreender a origem do quilombo e como ele se mantém vivo em cultura e identidade até os dias de hoje, mesmo após episódios de lutas, resistências, racismo e perdas de território.

Ao sistematizar as práticas educativas em Acauã, direcionamos nosso olhar para as afirmações sobre a cultura e a identidade, partindo do seguinte posicionamento:

A metodologia proposta por Paulo Freire está centrada na cultura como dimensão da formação de uma consciência crítica que, pelo seu caráter dialógico, permite aos sujeitos partilharem laços interpessoais e interpretar a realidade, fundamentando a transição entre a

identidade da resistência e o projeto social de emancipação política (Pernambuco; Silva, 2006, p. 211).

Ao compreender as práticas educativas em Acauã, foi necessário entender as tramas, os voos e os cânticos que os quilombolas já vivenciaram de maneira coletiva, bem como perceber a travessia por tempos difíceis que marcaram a história desse povo. Nesse processo de entendimento, constatamos que as observações feitas por Pernambuco e Silva (2006) foram transmitidas de geração em geração, permeadas pelos significados de partilha e pertencimento ao território, o que nos leva a reflexões mais precisas sobre como esse grupo vivencia e vivenciou as práticas educativas.

O debate sobre o ser enquanto sujeito da práxis merece destaque ao se compreender que:

Na medida em que estabelece suas relações socioculturais e com o mundo existente, o ser humano pode vir a ser mais, desde que possa compreender e fazer, em um dado momento da sua história, o que não compreendia e nem fazia anteriormente. É a esse ser mais que Freire concebe como humanização do ser humano, enquanto finalidade da espécie *Homo sapiens* (Delzoicov; Delzoicov; Silva, 2020, p. 356).

Com esse entendimento, ao observarmos o coletivo de aprendizagem já mencionado, constatamos que as práticas educativas são fundamentais para preservar as heranças culturais e identitárias dos moradores, seja no campo da música, da culinária, na preparação da farinha ou nas ações de luta por dias melhores e por conquistas que ainda não foram alcançadas, mas que, no coletivo e no diálogo entre a comunidade, foram e estão sendo discutidas e planejadas para a efetivação de melhorias na comunidade de Acauã.

Discutir as práticas educativas permite revelar a riqueza de um grupo com suas características peculiares e sua maneira de perpetuar costumes, crenças, e atividades econômicas, políticas e educacionais, consolidando assim a cultura e a identidade de ser quilombola. Esse processo também possibilita a continuidade dos ensinamentos locais, preservando-os do passado ao presente e com atenção ao futuro, que se apresenta incerto quanto à permanência das práticas educativas vivenciadas atualmente.

Olhando para o passado de Acauã, quando mencionávamos Cunchã Velha, percebíamos que, desde sua origem, com a fuga do escravizado José em meio ao contexto histórico de escravidão, marcado por medo, silêncio cultural e opressão, o

novo grupo que se formava enquanto quilombo teve que construir uma nova ordem identitária, ou seja, um projeto de dinâmica social. Assim, podemos chamar essa busca por uma nova realidade de “a alma do grupo”, uma busca que rejeita a condição de pessoas escravizadas.

Ao pensarmos nas práticas educativas que identificamos em Acauã, entendemos que elas são orientadas pelo fator cultural que os mais antigos do quilombo criaram ou transmitiram à sua gente, baseando-se em suas vivências antes de chegar ao território quilombola. Vale lembrar que, com o passar do tempo, alguns aspectos culturais foram fragmentados, enquanto outros ganharam visibilidade no território dessa comunidade.

### 3.1 O CÂNTICO FEMININO: GRUPO DE DANÇA DA FARINHA DAS MULHERES NEGRAS

Enquanto seres movidos pelas experiências da práxis, como lembra Freire (2015), o ser humano busca sentido para sua própria existência. No caso dos grupos coletivos, como o de Acauã, observa-se que “Na medida em que o homem cria, recria e decide, vão se formando as épocas históricas. E também criando, recriando e decidindo como deve participar nessas épocas” (Freire, 1979, p. 36).

Em Acauã, há um trabalho dedicado à divulgação do movimento quilombola, perceptível nas marcas das crenças, da dança crioula, dos cânticos, da poesia e do coco de roda. Essas manifestações estão presentes no grupo de dança da farinha das mulheres negras do quilombo de Acauã, cujas apresentações constantes promovem a cultura e a identidade de sua gente.

Esse grupo, conhecido como *Farinhada*, foi fundado em 2007 pela senhora Francisca Catarino da Silva, de 54 anos, nascida e criada no quilombo, uma nobre referência desse território no que se refere a manifestações artísticas. Ela, juntamente com mais de 20 mulheres que compõem o grupo da *Farinhada*, busca mostrar a história do seu povo por meio de apresentações culturais que percorrem diversas cidades do Rio Grande do Norte.

Quando questionada sobre o objetivo do grupo, a responsável pronunciou:

Objetivo da farinha das mulheres negras de Acauã é reativar a cultura popular da comunidade quilombola. Deixar ela viva, não deixar

ela dormir, deixar ela sempre ativa, fazer nossas apresentações, onde mostra nossa diversidade, entre o povo branco, é mostrar a diversidade do negro, o que tem de belo e bonito, não é só dizer é o negro, é o negro não. O negro tem o samba, tem suas danças, suas rodas de conversa. E com isso tem a cultura popular com as mulheres negras de Acauã, com a dança da farinhada, para animar e resgatar a cultura (Francisca Catarino, 2023).

Desde sua origem, o grupo, segundo a articuladora, teve a oportunidade de se apresentar em palcos como o Teatro Riachuelo e o Teatro Alberto Maranhão, em Natal, no Centro da Governadoria, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), além de alguns campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). O grupo também participou de festivais na região do Mato Grande e, principalmente, em seu território de origem, seja durante o Dia da Consciência Negra, seja na escola ou na sede da associação, onde é comum ouvir o cântico cultural promovido pelas mulheres da Farinhada.

O grupo leva esse nome em virtude de seu surgimento durante a produção de farinha realizada por algumas mulheres do movimento cultural na casa de farinha de Acauã. A principal música, composta pela senhora Francisca Catarino, é sempre a primeira e mais importante a ser cantada pelas mulheres. Sua letra diz: “Vou fazer uma farinhada, muita gente vou chamar. Vou fazer uma farinhada, muita gente vou chamar. Vou chamar a comunidade para peneirar aqui. Vou chamar a comunidade para peneirar aqui”. Com essa melodia, a canção segue, convidando os presentes nos momentos culturais proporcionados pelo grupo da *Farinhada*, que envolve música e coreografia.

As mulheres da Dança da Farinhada apresentam aos seus descendentes e ao mundo as práticas educativas por meio da cantoria popular, sempre expressada com letras de resistência e saberes ancestrais. Elas nutrem o público com poesias repletas de vivências e crenças quilombolas. A dança, outra prática transmitida por elas, serve como um sinal de identificação identitária. Além disso, percebe-se um desejo coletivo de romper a cortina da invisibilidade de seu território e de mostrar as riquezas de sua gente.

**Figura 8** - Momentos de apresentações do grupo da farinha



Fonte: Acervo do autor (2023).

Em estudos sobre grupos culturais de mulheres na região do Mato Grande, especialmente em comunidades de povos tradicionais, como o quilombo de Acauã, Aquino (2013, p. 102) apresenta rica contribuição em perceber que: “Essas mulheres esboçam nas suas falas, gestos, posturas, o prazer que as brincadeiras lhes proporcionam. Esse prazer imbrica-se com os seus corpos, falar nesses prazeres é, ao mesmo tempo, falar deles”.

Algumas dançam, outras cantam, e dona Mariquinha é responsável pelo pandeiro. Assim, o grupo das mulheres da *Farinhada* transmite o conhecimento de sua gente e busca um espaço de fala, de repreensão a todo preconceito, de

encenação para os mais jovens do quilombo, utilizando uma linguagem corporal, cantada em versos, em um cântico repleto de poesia cultural. E, ao falar de cultura, aproximando-se do entendimento de Paulo Freire, Osowski (2010) reforça a compreensão de que o ser humano, estando com e na realidade, é produtor de cultura e:

Com isso, reconhece-se como sujeito que, ao interferir e transformar os elementos que estão à sua disposição na natureza e no mundo que o rodeia, produz cultura, expressa de diferentes modos e com diferentes linguagens, humanizando aquilo que toca, quer pertencendo a uma cultura letrada ou iletrada (Osowski, 2010, p. 198).

O grupo de mulheres da *Farinhada* mantém diálogo com a comunidade quilombola como uma forma de apresentar suas ações fora do território de Acauã. Isso ocorre sempre nas reuniões da associação, tendo como porta-voz a coordenadora do grupo. Cada vez mais, as mulheres da Farinhada, representando o quilombo, estão sendo reconhecidas na região do Mato Grande e em outras áreas, graças às apresentações realizadas.

**Figura 9** – Cantoria na casa de farinha



**Fonte:** Luana Dantas (2023).

O quilombo, segundo Francisca Catarino, apoia as mulheres da Farinhada em suas saídas, atendendo aos muitos convites que surgem para apresentações. É interessante perceber que, apesar das atividades do lar, da roça, dos serviços na casa de farinha e de outros trabalhos, essas mulheres encontram tempo e disposição para

se dedicarem ao grupo. Isso reforça a observação de Silva (2014, p. 63-64): “Dessa maneira, percebeu-se que os moradores do quilombo de Acauã se compreendem como uma comunidade étnica onde são priorizados os valores socialmente compartilhados”.

Essa afirmação permite considerar a atuação do grupo de dança da Farinhada das mulheres negras em suas práticas educativas. Ao perceber que as manifestações culturais por meio da dança, cantoria popular, poesia e, sobretudo, a presença negra nas apresentações resgatam o agir coletivo e contribuem para manter vivos os aspectos culturais e identitários, com o protagonismo das mulheres à frente. Assim, entendemos que “Seres humanos se movem no mundo, capazes de optar, de decidir, de valorar” (Freire, 2006, p. 52).

Durante a pesquisa, em nossa aproximação com o grupo de dança da *Farinhada* e nos diálogos que tivemos com as participantes, ficou claro que a atuação delas surgiu a partir da conscientização de que algo precisava ser feito para contribuir com a cultura e a identidade do quilombo. Com a identificação dessa necessidade, houve uma reflexão sobre a realidade local, que resultou na formação do grupo.

Dada a clareza desse propósito, apresentamos o seguinte testemunho quando questionamos sobre a contribuição do grupo para a comunidade de Acauã:

A contribuição é a cultura viva. Ela estava dormindo, aí o grupo das mulheres acordou a cultura. Nesse grupo a gente canta a música da farinhada, que é o título, é o nome do grupo. Cantamos música popular, música de coco de roda. Nesse grupo de mulheres a gente apresenta música e dança, tudo nesse grupo. Resgatamos. Pra mim foi muito bom, porque resgatamos a cultura que estava dormindo, quase acabada. Eu iniciei com a força das mulheres e construímos esse grupo, e graças a Deus está dando certo (Francisca Catarino, 2023).

Com base nessa fala, percebe-se a aceitação que as mulheres quilombolas tiveram ao reconhecer o potencial do grupo como uma ação das próprias mulheres sobre a realidade. Segundo Francisca Catarino, essa realidade estava adormecida devido à ausência de um grupo cultural que representasse a cultura e a identidade de Acauã. O cântico produzido pelo grupo da *Farinhada* trouxe uma nova dinâmica à vida cultural do quilombo e revelou a força e a identidade das mulheres quilombolas.

Portanto, a formação do grupo da Farinhada não aconteceu por acaso, conscientes de que:

Acontece, porém, que a toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde a natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação (Freire, 2020, p. 139).

A ação dos sujeitos para revigorar as raízes de sua cultura e identidade surge a partir dessa conscientização crítica, da inquietação em perceber que a realidade atual está carente de muitas atividades que, no passado, eram vibrantes. Assim, o grupo de dança da *Farinhada*, com suas práticas educativas, possibilitou a recuperação e o fortalecimento de uma cultura que estava “adormecida”.

### 3.2 UM CÂNTICO PRODUTIVO: CASA DE FARINHA

É comum encontrar casas de farinha em assentamentos e comunidades rurais, como nos territórios remanescentes de quilombo, no estado do Rio Grande do Norte. Isso se deve ao cultivo da mandioca, que se adapta bem às condições climáticas da região, como observado nos estudos de Araújo e Junior (2013). Além disso, conforme constata Filho (2021), o Rio Grande do Norte demonstra um grande potencial no cultivo e produção da mandioca, sendo essa uma atividade marcante na cultura dos assentamentos rurais.

Desde o período colonial, atividades voltadas à produção de farinha têm estado presentes nas áreas rurais. Em sua análise sobre o período escravista no Rio Grande do Norte, Medeiros (1988) destaca que a produção de farinha era uma das atividades desenvolvidas pelos escravos. Além disso, ao observar o território do Rio Grande do Norte:

A cadeia produtiva da mandioca, com uma base agrícola em 99 municípios potiguares e abrigando centenas de casas-de-farinha no Rio Grande do Norte, abre novas perspectivas de geração de empregos, fornecendo alimento básico à população e produzindo fécula para mercados industriais estratégicos em expansão (Araújo; Júnior, 2013, p. 53).

Quando o grupo de Acauã deixou o antigo território para ocupar o novo, encontrou uma terra limitada. O espaço cedido era pequeno, e faltavam condições adequadas para a produção agrícola. Por isso, muitos quilombolas tiveram que

trabalhar nas terras de fazendeiros, e, quando precisavam preparar farinhada, era necessário pedir permissão a algum proprietário de casa de farinha. Essa situação perdurou por muitos anos em Acauã, até que as terras foram conquistadas por meio de jurisdição.

A casa de farinha de Acauã foi construída no território do senhor Noel de Freitas, que era proprietário de uma grande extensão de terra que fazia divisa com Acauã. A construção provavelmente ocorreu em 2007. Durante muito tempo, a casa de farinha pertenceu a Noel de Freitas. No entanto, com a regulamentação e titulação do território quilombola de Acauã, em 2014, os moradores passaram a usufruir das terras que anteriormente lhes pertenciam, incluindo a área onde estava localizada a casa de farinha.

**Figura 10** - Casa de Farinha do Quilombo



**Fonte:** Acervo do autor (2023).

No contexto da produção de farinha, as atividades são divididas. A limpeza da roça, o plantio e a colheita da mandioca ficam sob a responsabilidade dos homens, sejam eles jovens, adultos ou idosos. Eles também são responsáveis pelo empacotamento da farinha em sacos de mais de cinquenta quilos. Já a raspagem da mandioca é, em grande parte, realizada pelas mulheres, assim como a produção do bejú e da goma. A maioria das pessoas que frequentam a casa de farinha são homens e mulheres com idade acima de vinte e cinco anos.

Esse processo de farinhada é realizado em mutirão por algumas famílias da comunidade de Acauã. Quando uma família colhe a mandioca, convida outras para a atividade de raspagem e preparação da farinha. Segundo os moradores do quilombo,

esse ciclo de ajuda/mutirão atravessa gerações: “Antigamente, a gente ajudava os outros, e assim também é nos dias de hoje. Família ajuda família. Primo ajuda primo. Amigos se ajudam. Assim, toda a comunidade ganha” (Adriana Catarino, 2023).

Muitos dos roçados estão próximos à casa de farinha, e a mandioca é transportada por carroça, uma atividade realizada pelos homens (jovens e adultos) da comunidade. Como visto na imagem acima, a casa de farinha é simples, com apenas portas na entrada e no fundo. Quem ajuda na raspagem sempre traz o seu próprio instrumento cortante. A raspagem, dependendo da quantidade de mandioca, pode durar o dia inteiro, variando também com o número de pessoas trabalhando. As atividades geralmente começam pela manhã, sem uma hora específica.

Em Acauã, o cultivo de mandioca sempre ocorre durante o período do inverno. Cada família cultiva uma quantidade variável de mandioca, seja para a produção de farinha destinada ao consumo familiar ou para comercialização. Nesse contexto, alguns moradores revendem a farinha para supermercados de Poço Branco ou para feirantes. Além da farinha, há também a venda da maniva para agricultores da região, utilizada pelos agricultores quilombolas como alimento para o gado.

Todo o trabalho desenvolvido na casa de farinha é manual. Não há equipamentos ou máquinas modernas, nem o uso de ferramentas tecnológicas. Nesse espaço de trabalho, outras duas produções são constantes durante o período da farinhada: a goma e o bejú, que são destinados tanto ao consumo das famílias quanto à comercialização na feira livre.

A casa de farinha é o primeiro acesso a um trabalho voltado a contribuir com a alimentação da família ou para ganhar dinheiro, quando se trata de comercialização. Isso fica evidente na pesquisa realizada com uma jovem de Acauã que, antes de se formar em Pedagogia e atuar na área, trabalhava na produção de farinha como uma forma de adquirir alimento para si e sua família:

Não é aquele trabalho de ganhar um dinheiro, com farinhada, mas a gente sempre fazia farinhada para a gente mesmo e eu sempre ia raspar mandioca. E ia ajudar as pessoas que precisavam de ajuda na farinhada. As pessoas sempre faziam também e eu ia sempre ajudar para ser mais rápido (Andralice, 2024).

A relação entre o sujeito e a comunidade em Acauã, no contexto do trabalho de produção de farinha, reforça o que Freire (2022) destaca sobre o ser humano como portador da práxis. Nas suas relações com os outros e com o mundo, “atuando,

transforma; transformando, cria uma realidade que, por sua vez, envolvendo-o, condiciona sua forma de atuar” (Freire, 2022, p. 31). É nessa realidade que se percebe um povo simples, marcado profundamente por um passado cruel que muito excluiu os direitos das pessoas em Acauã, mas que não foi capaz de fragmentar os laços de solidariedade no ato de produção da farinhada.

**Figura 11** - Produção de farinha



**Fonte:** Acervo do autor (2022).

Fica evidente que a produção de farinha atravessou gerações e, até os dias de hoje, permanece como uma atividade constante, garantindo o sustento familiar e gerando economia em Acauã. Além disso, Paiva (2003) enfatiza que os sujeitos envolvidos nos movimentos sociais rurais integram conhecimentos diversos, sendo portadores de experiências e práticas coletivas que dão sentido à vida cotidiana por meio de diversas atividades dentro da própria comunidade.

O trabalho na casa de farinha é uma prática educativa que envolve a transmissão de saberes sobre a vida laboral e a cultura econômica do quilombo. Antes mesmo da raspagem da mandioca, são necessárias as atividades de corte, plantio e cuidado com a terra. Essas atividades dinamizaram as relações familiares e de amizade no quilombo, fortalecendo a identidade coletiva por meio da mútua ajuda e da continuidade da cultura econômica.

### 3.3 CÂNTICO EDUCACIONAL: ESCOLA MUNICIPAL MARIA FRANCISCA CATARINA

Uma instituição escolar em território quilombola é uma expressão viva de conhecimento e significado étnico-cultural na história do quilombo. Essa expressão parte de uma educação libertadora, que contribui para a formação dos sujeitos inseridos em sua localidade, sendo um fator crucial para a conscientização dos educandos:

Herdando a experiência adquirida, criando e recriando, integrando-se às condições de seu contexto, respondendo a seus desafios, objetivando-se a si próprio, discernindo, transcendendo, lança-se o homem num domínio que lhe é exclusivo – o da história e o da cultura (Freire, 2020, p. 58).

O espaço escolar em território quilombola é uma via para contextualizar a história do quilombo e permitir que os educandos, desde cedo, enxerguem o mundo ao seu redor a partir das práticas educativas desenvolvidas no fazer pedagógico. Além disso, “[...] a escola deve se constituir como um espaço de diálogo entre conhecimento escolar e a realidade local, valorizando o desenvolvimento sustentável, o trabalho, a cultura, a luta pelo direito à terra e ao território” (Silva, 2014, p. 103-104).

É válido considerar que a escola é um espaço que será frequentado por todos, ou pela grande maioria dos membros do quilombo, especialmente as crianças e os jovens que estão inseridos em sala de aula e que representarão o futuro de Acauã. Por isso, o fortalecimento da educação quilombola exige a garantia do conhecimento sobre a cultura e a identidade do território, algo que pode ser alcançado por meio das práticas educativas desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

A Escola Municipal Maria Francisca Catarina está localizada no próprio quilombo e oferece Ensino Fundamental, especificamente nos Anos Iniciais, além do programa ProJovem Campo - Saberes da terra<sup>6</sup>. Pela manhã, há uma turma multisseriada que envolve estudantes do 1º ao 3º ano. À tarde, há outra turma multisseriada que abrange o 4º e 5º ano. Somando o público dos turnos matutino e vespertino, durante a pesquisa realizada em 2023, identificamos 29 educandos. No

---

<sup>6</sup> Esse programa foi planejado e executado pela 16ª DIREC, com o objetivo de proporcionar formação integral aos jovens do campo, visando à conclusão do Ensino Fundamental e outras considerações de cunho social, conforme a Resolução CNE/CEB de 03/04/2002.

turno noturno, a escola está aberta para receber a turma de mulheres (jovens e adultas) do programa anteriormente citado, contando com 15 alunas no ano de 2023.

Na escola, não há oferta de Educação Infantil, pois não há salas de aula suficientes. Como resultado, essa etapa de ensino é oferecida apenas no centro da cidade de Poço Branco ou no distrito de Contador. Essa situação vai na contramão da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que garante o direito das crianças à Educação Básica, com a obrigatoriedade de matrícula a partir dos 4 anos de idade.

Na escola, não há oferta de Educação Infantil devido à falta de salas de aula suficientes. Como consequência, essa etapa de ensino é oferecida apenas no centro da cidade de Poço Branco ou no distrito de Contador. Essa situação contraria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que garante o direito das crianças à Educação Básica, com a obrigatoriedade de matrícula a partir dos 4 anos de idade.

A escola é de pequeno porte, com uma estrutura composta por apenas uma sala de aula, uma cozinha e um banheiro, mantida assim desde sua construção em 1984. Durante a pesquisa, dialoguei com alguns funcionários dessa instituição (duas professoras, duas merendeiras e a coordenadora pedagógica) para entender melhor as práticas educativas, ou cânticos, nesse espaço de vivências educacionais. Além disso, vale destacar que o terreno ao redor da escola é amplo e muito utilizado para atividades recreativas.

**Figura 12** - Frente da escola



**Fonte:** Acervo do autor (2023).

Em diálogo com a professora Maria Nazaré, que atua na escola há mais de trinta anos, ficou claro que, desde a sua construção, a escola nunca passou por melhorias significativas em sua estrutura. Segundo ela, as únicas intervenções realizadas foram pinturas e pequenos reparos antes do início do ano letivo, como ela mesma registrou:

A escola precisa melhorar muito, principalmente a estrutura física, que não melhorou nada nesses 38 anos para cá, não houve reforma, só pintura nas paredes, não houve nada de mudança lá não (Maria Nazaré, 2023).

A escola conta com duas professoras residentes no quilombo, ambas formadas em Pedagogia. Quando questionadas sobre se possuem especialização ou formações livres voltadas à cultura e história afro (quilombola) no contexto do ensino e aprendizagem, a resposta foi negativa. Segundo a coordenadora pedagógica da escola:

as atividades que acontecem na Escola Municipal Maria Francisca Catarina são acompanhadas pela secretaria municipal de educação. Percebo que a comunidade é presente na escolinha, desde as reuniões de pais até as comemorações festivas, como dia das mães, festa junina e natal, por exemplo (Sandra Pedro, 2023).

Durante a pesquisa com a coordenadora pedagógica, ela salientou que há encontros bimestrais com as professoras para alinhar as atividades educacionais a serem desenvolvidas junto aos estudantes. Além disso, busca-se aproximar os conteúdos das disciplinas com a realidade do quilombo. Quando questionada se a escola possui um Projeto Político Pedagógico (PPP) voltado para a realidade do quilombo, a resposta foi negativa. De acordo com a coordenadora pedagógica, ainda será necessário um diálogo com a Secretaria Municipal de Educação (SME) para a construção do Projeto Político Pedagógico.

**Figura 13** - Confraternização na escola



Fonte: Acervo do autor (2023).

As práticas educativas vivenciadas na escola, tanto no ensino e aprendizagem quanto nas diversas atividades pedagógicas, visam fortalecer e promover a identidade e a cultura quilombola, aproximando os educandos, a escola e a comunidade. Nesse sentido, educação, cultura e identidade são elementos a serem enriquecidos e refletidos coletivamente, promovendo uma conscientização significativa e um sentimento de pertencimento por meio da educação.

As práticas educativas tornam-se significativas quando compreendidas como o exercício de saberes produzidos por sujeitos comprometidos com a emancipação e a evolução de sua comunidade. Nesse contexto, percebemos o potencial das práticas educativas na Escola Municipal Francisca Catarino da Silva, o único espaço de educação formal em Acauã, que busca comprometer-se com a valorização da cultura e da identidade desse território quilombola.

As vivências de ensino e aprendizagem, as rotinas escolares com projetos voltados à consciência negra, a busca por aproximar os pais e mães dos educandos da escola para um diálogo coletivo sobre a escolarização de seus filhos, os momentos de partilha realizados pelas professoras no cotidiano escolar e os ensinamentos sobre as histórias afro-brasileiras, como observado durante a pesquisa, levam-nos a compreender uma escola viva e atuante, que busca oficializar um currículo pedagógico baseado em sua realidade local.

**Figura 14** - Educandos de Acauã na culminância do projeto Paz



Fonte: Acervo do autor (2023).

A educação escolar em território quilombola, conforme Gusmão (2021, p. 86), destaca que “a cada contexto de prática, o local se anuncia e redimensiona o fazer, o agir, o decidir pedagógico”. Dessa forma, mesmo sem um Projeto Político Pedagógico formalizado, as professoras, com o apoio da coordenação pedagógica, buscam uma formação que valorize as histórias de vida construídas pelos residentes de Acauã. Mas, sobretudo:

A escola quilombola precisa tocar as pessoas. A comunidade precisa sentir vontade de estar nela, caso contrário não será uma escola quilombola. Se a comunidade não se identifica com a escola, então a escola não é quilombola. Não esqueçamos do que Paulo Freire nos ensinou: a escola é construção com as pessoas e não para as pessoas. Caso contrário, será um espaço que corrobora a alienação das pessoas de sua realidade. Escola quilombola é lugar no qual os estudantes e seus responsáveis se sentem acolhidos para participar das decisões que organizam a escola e seu currículo (Nazario, 2021, p. 64).

Apoiando-nos no entendimento do patrono da educação brasileira, a educação não pode se desvincular das realidades concretas vivenciadas pelos educandos. Como afirma Freire (2015, p. 120): “Nunca apenas dissertar sobre ela e jamais doar-lhe conteúdos que pouco ou nada tenham a ver com seus anseios, suas dúvidas, com suas esperanças, com seus temores”. A educação, quando vinculada à vida dos

educandos, fornece bases sólidas para a conscientização e a ação do sujeito frente à sua realidade.

As práticas educativas vivenciadas na Escola Municipal Maria Francisca Catarino podem contribuir para extrair ensinamentos concretos das lutas e das dimensões de cultura e identidade presentes nas experiências vitais dos antepassados dos estudantes. Essas práticas também têm a função de comunicar uma educação com a perspectiva de construir a consciência do papel que cada aluno exercerá na dinâmica de seu território.

Durante a pesquisa, realizamos algumas entrevistas com perguntas semiestruturadas e, em várias ocasiões, aproveitamos o momento com os entrevistados para saber a resposta a uma questão pessoal: o que representa a escola para você? Entre as falas registradas, destacamos a de um jovem quilombola que estudou os Anos Iniciais do Ensino Fundamental na escolinha e, após concluir o Ensino Médio, foi aprovado no curso de Técnico em Enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN):

A Escola Municipal Maria Francisca Catarina representou e representa para minha pessoa um espaço de formação que foi importante para o meu processo de aprendizagem. Apesar da adversidade que a escola sofre, entre elas infraestrutura, foi nela que comecei a entender que um caminho que iria ser percorrido e também uma educação transformadora, sendo ela capaz de contribuir no futuro breve de nossa comunidade (Francisco Catarino, jovem atuante em Acauã).

Da Escola de Acauã, base educacional formal no quilombo, surgiram muitos frutos, como pessoas que concluíram o Ensino Superior e Técnico, tornando-se pedagogos, técnicos em enfermagem, técnicos em saúde bucal, mestres em antropologia, entre outras áreas. As narrativas de vida desses moradores são exemplos de transformação, mostrando como as práticas educativas na escolinha local ofereceram uma base formativa inicial que contribuiu para o futuro deles.

### 3.4 UM CÂNTICO COLETIVO: ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES DO QUILOMBO DE ACAUÃ

Ter um espaço para debater, planejar e refletir coletivamente, com a representatividade das famílias quilombolas, é fundamental para pensar o presente e

o futuro da comunidade em que os grupos sociais estão inseridos. No caso de Acauã, esse espaço é representado pela Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã (AMQA). Este espaço é movimentado semanalmente ou mensalmente pelos moradores de Acauã, que participam de reuniões da própria associação, formações oferecidas por setores públicos, privados ou voluntários, como universidades, instituições de ensino, instituições religiosas, ou até mesmo atendimentos das secretarias municipais da Prefeitura de Poço Branco/RN.

Segundo Nascimento (2017, p. 104), em comunidades quilombolas, a associação assume o caráter de organização comunitária, sendo um “lugar de referência em luta e conquistas”. É onde o diálogo se torna constante, um palco democrático que permite ouvir as vozes de sua população. É também um espaço para pensar e repensar as ações coletivas que abraçam as causas das crianças, jovens e adultos que representam o presente e o futuro da comunidade de Acauã.

É importante enfatizar que a associação de Acauã percorreu um longo caminho para a efetivação de suas diretrizes e organização política. Esse processo foi iniciado em 1997, com o protagonismo da ONG *Amigos de Poço Branco* e dos moradores de Acauã. A parceria resultou na criação da Associação de Moradores de Acauã (AMA).

A implantação da Associação de Moradores de Acauã (AMA) foi fundamental para unir a comunidade e criar uma liderança formada por representantes de toda a população de Acauã. Essa liderança busca constituir e legitimar a atuação do grupo quilombola junto ao poder público e à sociedade. Além disso, com a fundação da associação, Acauã se beneficiou de uma nova conjuntura organizacional voltada para o alcance de direitos e:

A necessidade de estarem organizados não era algo novo na história da comunidade. O que mudou foi a forma como essa organização se materializou. A vida política foi formalizada e institucionalizada, introduzindo no seu cotidiano novos mecanismos de ação, muitos deles estranhos a alheios às referências culturais dos moradores: predominância da linguagem escrita, instituições, documentos, ofícios, cartórios, CNPJ (Arguedas, 2017, p. 78).

A observação de Arguedas (2017) revela uma contribuição significativa para a comunidade de Acauã com a constituição da associação. Esse território de povos tradicionais passou a conquistar visibilidade social, firmar parcerias e buscar direitos em diversos setores. As pessoas de Acauã começaram a perceber que sua

comunidade possui voz e vez, refletida nos cânticos e ações produzidos na associação.

Com o passar do tempo, com a saída do governo federal e mudanças nas leis voltadas a grupos tradicionais, tornou-se necessário reconstituir a associação. Esse processo ocorreu em 2004, quando a associação recebeu uma nova roupagem e passou a ser chamada de Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã (AMQA). A regularização da associação foi concretizada em 20 de março de 2005, quando também foi composta a diretoria para um mandato de quatro anos.

A associação, no período de 2022-2026, é liderada pelo senhor Sebastião Catarino da Silva, com os demais membros sendo pessoas entre 30 e 45 anos. Esses representantes têm a responsabilidade de levar a voz do quilombo, atuando junto à Prefeitura Municipal de Poço Branco, ao Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), à Coordenadoria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (COEPPIR-RN), ao Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), e a outros setores assistencialistas que oferecem formações para as pessoas de Acauã.

A Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã é um espaço de diálogos constantes entre os quilombolas, onde são discutidos assuntos diversos relacionados à garantia de serviços públicos, à adesão a propostas governamentais que surgem, e à compreensão coletiva das melhorias necessárias em Acauã. Para Fernandes (2010, p. 48), “efetivamente, a associação é, por excelência, o espaço instituído para a política no assentamento, significando uma dimensão na qual os assentados exercem, entre eles, o poder de negociar um modo de vida que desejam ter no lugar”.

Todos os moradores frequentam a associação, especialmente os pais e mães de família, com foco no exercício democrático e político da vida em Acauã. Marcos de conquistas são partilhados com cânticos de alegria por situações bem-sucedidas, como a produção significativa de farinha, a conquista do corte de terra, a obtenção de serviços públicos de saúde, e até mesmo as vitórias do time quilombola em partidas.

**Figura 15** - Frente da Associação



**Fonte:** Acervo do autor (2023).

Na associação, ocorrem reuniões mensais com a diretoria e, ocasionalmente, com todos os moradores do quilombo, especialmente quando o assunto é de interesse coletivo, ou seja, quando envolve uma causa que beneficiará todas as famílias. Os temas debatidos nas reuniões sempre visam a melhoria do quilombo, com atenção a reivindicações antigas, como a falta de água, a garantia de um posto de saúde, e melhorias na casa de farinha.

Durante a pesquisa, ao questionar sobre a importância da Associação para Acauã, muitos moradores afirmaram que o quilombo só conseguiu permanecer estruturado devido à legalização da associação com registro de CNPJ, o que permitiu o reconhecimento oficial como comunidade quilombola. Além disso:

com a associação a melhoria foi grande, porque aqui, antes, sem ela, a gente não alcançava muitos direitos. Hoje até urnas temos aqui na comunidade. Temos também contato bom com o INCRA, com universidades e com muita gente que passamos a ter conhecimento devido à presença da associação (Fátima Barbosa, tesoureira da associação, 2023).

Os diálogos promovidos na Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã refletem os interesses de todos os membros da comunidade. É um espaço de fortalecimento das ideias concebidas pelas mães de família, pelos jovens, pelos agricultores e por qualquer quilombola que busque melhorias para o território e sua gente. Foi por meio dessa articulação coletiva que o quilombo passou a ter mais “[...] parcerias com entidades e organizações não governamentais” (Valle, p. 2013, p. 145).

**Figura 16** - Reunião na associação



**Fonte:** Professora Andralice (2024).

Segundo Freire (2020), há o entendimento de que o ser humano, como um ser de integração, não deve se acomodar na luta por uma realidade melhor. Compreende-se que:

a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-se (Freire, 2020, p. 60).

Um aspecto importante da Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã (AMQA) é o espírito coletivo e a relação entre os membros da comunidade, que compreendem e respeitam as singularidades e as relações heterogêneas. Essa dinâmica se manifesta por meio de uma prática educativa voltada ao diálogo e ao fortalecimento da cultura e identidade quilombola. Essa prática pode ser entendida como parte da organização pedagógica do movimento associativo, onde gerações assumem o lugar de liderança quilombola e aprofundam os debates, as angústias e as conquistas de sua gente por meio do diálogo e das tomadas de decisões coletivas.

As práticas educativas na Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã se manifestam por meio de iniciativas dialogais: formações, reuniões, festividades e vivências coletivas, todas voltadas ao fortalecimento do território e à valorização de sua importância cultural e identitária. Além disso, destaca-se a construção de um

projeto coletivo pensado pelos moradores de Acauã, com o objetivo de efetivar cada vez mais direitos sociais e políticos, perpetuando assim o cântico de cidadania.

### 3.5 CÂNTICOS RELIGIOSOS: RELIGIÕES EM ACAUÃ

Os quilombos são territórios ricos em práticas educativas e expressam sua existência através de diversas manifestações, como a culinária, as atividades laborais, as danças, o artesanato, os costumes locais e as atividades religiosas. No território de Acauã, a religiosidade desempenha um papel central no desenvolvimento de ações sociais e culturais, tanto de matriz católica quanto evangélica, como será explorado a seguir.

Em Acauã, durante as vivências de pesquisa, não presenciamos nem obtivemos conhecimento de rituais religiosos de matriz africana. Fazemos essa observação porque é comum em muitos quilombos haver rituais afro-religiosos, dado que essa tradição acompanhou as origens dos quilombolas. No entanto, é importante destacar que existem marcas explícitas da tradição afro-religiosa no quilombo, como pode ser constatado no canto e no vestuário do grupo da *Farinhada*.

De modo geral, ao considerar as religiões no território pesquisado, observa-se a presença de atividades tanto católicas quanto evangélicas neopentecostais, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja de Deus no Brasil. As manifestações religiosas são constantes no quilombo, ocorrendo tanto durante a semana quanto nos fins de semana, sempre com a participação de crianças, jovens e adultos, conforme descrito neste trabalho.

Entre os católicos do quilombo, as devoções são direcionadas à padroeira, Nossa Senhora de Fátima. Essa tradição percorre toda a história do lugar e, desde Acauã Velha, os rituais católicos sempre foram voltados a essa devoção. Quanto ao motivo da escolha da padroeira, não obtivemos uma resposta satisfatória. Não há uma capela católica no quilombo, por isso, as práticas religiosas ocorrem na associação dos moradores.

A missa ocorre uma vez por mês, ocasião em que são realizados batizados, casamentos, confissões, ou apenas a celebração da missa. Novenas e festividades religiosas populares, como terços e celebrações aos santos juninos, também fazem parte das manifestações religiosas católicas. Além disso, os católicos de Acauã

participam ativamente das festas religiosas promovidas pela paróquia, especialmente nos dias dedicados aos padroeiros nas cidades de Poço Branco e Taipu.

**Figura 17** - Terço devocional mês de maio



**Fonte:** Acervo do autor (2023).

Quem melhor detalha as práticas católicas é a ministra da eucaristia e coordenadora católica, Francisca Catarino:

a missa é em mês e mês. O mês de maio, que é o mês mariano, o da padroeira daqui, rezamos 31 noites, faz a novena no dia de nossa senhora de Fátima, que é o dia 13. Temos o Natal em família, aquelas reuniões que faz todos os anos. Na Páscoa, na campanha da fraternidade, também a gente faz, se reúne e faz (Francisca Catarino, 2024).

Durante a pesquisa, identificamos em várias casas dos entrevistados e em diversos lugares por onde passamos, muitos símbolos religiosos: bíblias nas salas, crucifixos, terços pendurados nas portas. Esses elementos expressam atitudes religiosas de cunho católico popular que acompanham a história do quilombo e fazem parte de sua cultura e de suas crenças voltadas ao sagrado.

O grupo de evangélicos da Universal do Reino de Deus está presente em Acauã toda semana para a realização de cultos, que ocorrem na Associação dos Moradores às terças-feiras à noite. Durante os dias de pesquisa no quilombo, especialmente nos finais de semana, constatou-se que, aos domingos, dia de culto na sede da Universal, localizada na zona urbana de Poço Branco, alguns moradores se dirigem ao templo sede.

Em diálogo com o ombreiro Adriano, representante do pastor da Universal do Reino de Deus, ele comentou que a atuação missionária em Acauã é realizada por meio de eventos missionários, onde oferecem

corte de cabelo, manicure, doações de roupas, doações de cesta básica, tem lanche, tem brinquedo. De saúde tem verificação de pressão. Fora isso tem o principal que é a palavra de Deus. O alimento espiritual para eles. Na quinta-feira, que sempre tá sendo feito, uma reunião breve, objetiva, com oração, a palavra de Deus. É um convite para vir para igreja (ombreiro Adriano, 2024).

A presença da Universal em Acauã surgiu a partir da experiência de uma moradora do quilombo, que, ao se identificar com as práticas neopentecostais da igreja, convidou seus familiares. A partir daí, outras pessoas foram se unindo, formando um número significativo de adeptos. Isso levou à necessidade de realizar ações no quilombo, como evangelização nas casas, cultos, e gincanas com as crianças e jovens da comunidade.

Outra expressão evangélica presente em Acauã é a Igreja de Deus no Brasil, com sede na cidade de João Câmara. Missionários dessa denominação evangélica passaram mais de oito anos evangelizando no quilombo, divulgando o carisma e as atividades de sua missão até a fundação de um templo na comunidade. Durante os muitos momentos de peregrinação em Acauã, alguns moradores foram cativados e passaram a se identificar com o projeto proposto pelos missionários.

A partir desse ponto, os trabalhos evangélicos foram intensificados. Como resultado, algumas pessoas do quilombo deixaram de frequentar a Universal ou suas tradições católicas e passaram a desenvolver atividades no primeiro templo evangélico com sede em Acauã. Esse projeto religioso conta com a presença marcante de missionários de fora de Poço Branco, que buscam novos adeptos para dar continuidade aos trabalhos evangélicos.

Quando questionada sobre as práticas da congregação no quilombo, a líder evangélica quilombola, que faz parte da igreja mencionada anteriormente, disse: “A gente realiza culto semanalmente, temos culto de ensinamento uma vez na semana, temos culto no sábado e uma vez no domingo. Além disso temos um trabalho voltado as crianças de evangelização” (Maria Bernadete, 2024).

**Figura 18** - Momento lúdico promovido pela igreja Deus no Brasil em Acauã



**Fonte:** Acervo do autor (2023).

É interessante destacar que essas três dimensões religiosas adotam estratégias para atrair novos adeptos. Essas estratégias incluem desde dinâmicas voltadas para a juventude até cafés da manhã e jantares para a população quilombola, além de vivências educativas com atividades como pinturas escolares. Também estão presentes rituais como a Ceia do Senhor, cultos de libertação de males, e evangelização de porta em porta para aproximar os moradores das religiões praticadas por cada grupo evangélico.

Na dinâmica religiosa do quilombo de Acauã, a inserção da manifestação evangélica é uma realidade relativamente nova, mas que vem ganhando cada vez mais adeptos, a ponto de grande parte dos quilombolas se declararem evangélicos. Nesse contexto de formação religiosa evangélica, observa-se que a diversidade religiosa no quilombo enriquece sua cultura e identidade.

As práticas educativas promovidas pelas religiões no território pesquisado estão inseridas nos rituais religiosos (cultos, missas, celebrações da palavra, terços) e nas ações sociais organizadas pelos adeptos das religiões mencionadas neste tópico. Além disso, incluem-se também os momentos de formações e palestras no campo da educação religiosa.

É importante lembrar que as religiões em Acauã buscam desenvolver atividades religiosas, culturais e sociais, tais como evangelização porta a porta,

encenações de passagens bíblicas e momentos de partilha, como bazares e lanches para os moradores do quilombo. A Igreja Evangélica Deus no Brasil, por sua vez, promove, sempre que possível, momentos recreativos semanais com as crianças, oferecendo brincadeiras, palestras e atividades de pintura.

Convém destacar que, durante a pesquisa realizada junto aos grupos religiosos, não constatamos, nas falas dos entrevistados nem nos momentos religiosos (cultos, missas ou palestras), situações de disputa ou expressões de julgamento em relação à presença de mais de uma religião no quilombo. Observa-se um respeito e aceitação coletiva em torno das práticas religiosas locais por parte dos quilombolas, que, sejam católicos ou evangélicos, compartilham o entendimento de que as ações religiosas agradam os moradores e contribuem para uma comunidade de paz.

### 3.6 OS CÂNTICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA CULTURA E IDENTIDADE DE ACAUÃ

A história mostra que os povos africanos escravizados no Brasil passaram séculos enfrentando opressões e sendo excluídos de todos os direitos, restando-lhes apenas a aceitação do trabalho escravista. Nesse contexto, o diálogo era uma prática banida na relação entre senhores e escravizados. Essa tragédia humana do passado ainda repercute nos dias atuais, manifestando-se em lamentáveis episódios de preconceito e racismo.

Dito isso, é certo que a escravidão em solo brasileiro chegou ao fim. No entanto, o legado histórico de desigualdades e preconceitos ainda permeia a sociedade brasileira. Diante desse fato, os quilombos enfrentaram e continuam enfrentando situações excludentes na luta para legitimar suas histórias e seus territórios como espaços de preservação de saberes ancestrais, cultura e identidade.

Freire (1979, p. 31) nos lembra: “Quem, melhor que os oprimidos, está preparado para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? Quem sofre os efeitos da opressão com mais intensidade que os oprimidos?”. Nessa situação de opressão, Freire já denunciava a desumanização da realidade histórica brasileira, e sua reflexão não se limitava apenas àqueles em processo de alfabetização, mas sim a todo ser humano em condição de opressão.

Pernambuco e Silva (2006) destacam o termo “emancipação coletiva” em referência à conscientização no enfrentamento dos:

[...] desafios, que Freire identifica como situações-limites, são capazes de mobilizar uma mudança na consciência de um grupo social pela ação conjunta e contínua, à medida que cada ação (pronúncia no (do) mundo implica em sua modificação que, problematizada, voltada aos atores (pronunciadores), exigindo nova ação (pronunciar). Pronunciar o mundo é desenvolver práticas sociais educativas que permitam, aos sujeitos, se apropriarem de conhecimento crítico que lhes possibilitem fazer uma nova leitura da realidade, resgatando o agir coletivo como processo de criação de novos conhecimentos, olhares e ações (Pernambuco; Silva, 2006, p. 212).

Os significados enraizados nas práticas educativas dos grupos sociais, como no caso de Acauã, são expressões de conscientização e de leitura da realidade histórica, evidenciando um passado que permitiu a emancipação quilombola por meio de ações coletivas. Como destacaram os autores mencionados, graças às ações conjuntas e à ação contínua, o ser humano busca construir um mundo mais justo, digno de vivências sociais e livre de opressões.

Quando falamos das práticas educativas após todo o caminho de pesquisa trilhado em Acauã, identificamos o quanto o diálogo é presente no coletivo de aprendizagem que escolhemos para compreender essas práticas. Rêgo (2006) nos oferece uma valiosa perspectiva freireana ao esclarecer que diálogo, construção coletiva e conscientização formam um tríptico indissociável. Esse entendimento se torna claro quando pesquisamos e estudamos as relações sociais, que são marcadas pela ação de sujeitos em torno de um objetivo comum.

Há um termo freireano muito presente no coletivo de aprendizagem: o verbete diálogo, que, em Acauã, pode ser claramente percebido nesse contexto. Contudo, é importante salientar que:

O diálogo verdadeiro propicia a mudança de consciência, implicando uma mudança na ação do sujeito. Portanto, nesta perspectiva, mudar não significa simplesmente mudar uma visão, um conceito isolado, mas é mudar a forma de trabalhar com o conjunto de informações, conseguindo extrair o que é relevante, o que é fundamental para os sujeitos. Nesse sentido, conscientizar é criar elementos/mecanismos gerais de interpretação e ação sobre o mundo (Rêgo, 2006, p. 90).

O posicionamento de Rêgo (2006) insere-se na reflexão de que o ato de dialogar não se limita à comunicação verbal. No diálogo, há significados humanos que se manifestam nas trocas de saberes entre os sujeitos, não sendo apenas uma mediação entre interlocutores, mas sim, “[...] encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação pessoal eu-tu (Freire, 2015, p. 109).

Chamamos a atenção para a importância do diálogo como meio de resgatar algo, assegurar a permanência e orientar o futuro da história, cultura e identidade de um grupo. Assim, em Acauã, pode-se afirmar que, seja na casa de farinha, na escola, na associação, no grupo de dança da *Farinhada* das mulheres negras, ou nas práticas religiosas, a dialogicidade é essencial para as práticas educativas.

Práticas educativas sem diálogo não existem, pois,

Os seres humanos são seres da práxis, seres que emergem do mundo, que transformam e se transformam. Esta práxis se dá pelo diálogo com o mundo, com os seres humanos. Sem diálogo não há prática autêntica, não há prática revolucionária (Schnorr, 2001, p. 89).

A partir das ações promovidas pelo diálogo verdadeiro, surgem práticas contínuas no movimento das ideias, dos desejos e das realizações do progresso humano.

As práticas educativas permitem compreender as raízes de Acauã e contribuem para a conscientização sobre a história de sua gente, que carrega ricas contribuições para a literatura popular por meio da poesia, cantoria, dança, culinária, manifestações religiosas, entre outras expressões culturais. Diante dessas observações, cabe destacar que “Quanto mais for levado a refletir sobre a sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal, mais emergirá dela conscientemente carregado de compromisso com sua realidade [...]” (Freire, 1979, p. 35).

**Figura 19** - Práticas Educativas em Acauã

Fonte: Acervo do autor (2023).

Na concepção freireana, os sujeitos estão no e com o mundo. Assim, a existência humana ultrapassa a mera concepção de viver, assumindo o compromisso de transcender, discernir e dialogar. Essa observação é especialmente válida ao considerarmos uma comunidade quilombola, que, por meio de uma construção coletiva, sempre buscou configurações culturais e identitárias para legitimar sua existência.

Durante nossos diálogos com os moradores do quilombo e através das observações em campo, percebemos a forte relação que eles mantêm entre si, um sinal de vínculos profundos que permitem dinamizar a realidade local sem esquecer o passado. Isso caracteriza as bases identitárias, ou seja, um pertencimento enraizado nas raízes culturais que, desde o início da história do quilombo, estão presentes. Nesse contexto de afirmação, acrescentamos:

O homem, precisamente porque é homem, é capaz de reconhecer que existem realidades que lhe são exteriores. Sua reflexão sobre a realidade o faz descobrir que não está somente na realidade, mas com ela. Descobre que existe seu eu e o dos outros, embora existam órbitas existenciais diferentes: o mundo das coisas inanimadas, o mundo vegetal, o animal, outros homens. [...] O homem, porque é homem, é capaz igualmente de reconhecer que não vive num eterno presente, e sim um tempo feito de ontem, de hoje, de amanhã (Freire, 1979, p. 14).

As práticas educativas permitem olhar para o passado do quilombo de Acauã e perceber as realidades que não ultrapassaram o tempo, assim como aquelas que foram introduzidas no quilombo. Um exemplo disso é a Associação dos Moradores do Quilombo de Acauã, que desempenha um papel crucial na reorganização do território e na sua presença enquanto espaço democrático e político. A associação promove a conscientização em torno das ações sociais e das projeções para o futuro da vida em Acauã. Nesse sentido, a associação, enquanto organização que dinamiza o quilombo, merece consideração:

Na organização da ação coletiva em direção à consecução dos direitos sociais, a terra, a educação, o trabalho, a moradia, os sujeitos passam por diferentes caminhos, aprendizados políticos e sociais são adquiridos e se manifestam nas formas de interação, na transgressão da ordem, na criação e recriação das práticas cotidianas (Paiva, 2003, p. 107).

Também é válido afirmar que as práticas educativas contribuíram para as resistências ao processo de escravização, como observado por Arguedas (2017). Através da organização e vivência dessas práticas, o quilombo construiu sua identidade e cultura como um meio de manter relações coletivas orientadas para os direitos e a cidadania. Assim, garantiu que a voz quilombola nunca mais será silenciada, mesmo diante da persistência de preconceito e racismo estrutural voltados ao território de Acauã.

Valle (2013) considera que os grupos sociais nunca existiram em contextos isolados, mas sim em articulações de ensinamentos que permitiram a construção de uma identidade própria. Essa afirmação evidencia que os movimentos sociais são produtos de relações estabelecidas com outros grupos, e dessas relações surgiram e continuam a surgir referências de valores, normas e conhecimentos. Tudo isso oferece um direcionamento histórico que contribui para a formação cultural e identitária de determinados grupos sociais.

No pensamento de Souza (2008), as comunidades quilombolas são expressões de lutas históricas, políticas e sociais. Nesse cenário de lutas, muitas questões são ressaltadas, começando pela complexa perspectiva de vida em território quilombola, que por muito tempo sofreu com conflitos sociais, territoriais e políticos. Mesmo diante dessas adversidades, os movimentos quilombolas continuaram a afirmar sua existência em todo o território brasileiro.

Como afirma Freire (2020, p. 89):

Acho que uma das melhores coisas que podemos experimentar na vida, homem ou mulher, é a boniteza em nossas relações, mesmo que, de vez em quando, salpicadas de descompassos que simplesmente comprovam a nossa gentetude.

São as relações, exemplificadas pelas práticas educativas, que promovem transformações nas comunidades quilombolas e fundamentam a formação das pessoas inseridas nesses territórios.

Feitas essas considerações neste capítulo sobre práticas educativas, identidade e cultura, sintetizamos nossas ideias afirmando que as práticas educativas são fundamentais para promover a mudança, transformar a realidade e fortalecer o diálogo no quilombo de Acauã. Essas práticas possibilitaram a construção de uma nova realidade em Acauã, especialmente fundamentada no princípio de liberdade, sendo essenciais para a reflexão sobre as realidades enfrentadas e para o alcance de uma vida digna em um território livre de opressões.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalização deste estudo, temos clareza das palavras de Paulo Freire destacadas na epígrafe citada. Nesses termos, compreendemos que a tessitura diante de um tema como o abordado nesta dissertação, implica buscas constantes de narrativas do passado para entender o presente em meio às situações alegres e desencantadas vivenciadas pelo grupo fonte de estudo. Por isso, realçamos um estudo baseado na realidade para alcance do objetivo dessa pesquisa.

Nossa iniciativa de identificar as práticas educativas no coletivo de aprendizagem em Acauã deixou claro o quanto elas representam a legitimidade da história de um grupo de povos tradicionais diante dos aspectos culturais e identitários. Elas também rasgaram a cortina da invisibilidade da história desse povo, fato que pode ser justificado ao elucidarmos o potencial do grupo de dança da *Farinhada* das mulheres negras de Acauã.

Nosso esforço de pesquisa ocorreu por meio do diálogo com os moradores do quilombo, durante as festividades locais, nos encontros na associação e na escolinha, nos momentos de religiosidade e nas visitas cordiais às residências de homens e mulheres com áureas de resistência, diante de situações impostas por um sistema colonizador de preconceito e vulnerabilidades que, lamentavelmente, atingiram e continuam a atingir essas pessoas.

Antes de concluirmos esta escrita, surge um questionamento a partir de nossos posicionamentos reflexivos enquanto pesquisávamos e debatíamos os conceitos de cultura e identidade: por que alguns cânticos não estão mais presentes em Acauã? Ou seja, o que ocorreu para que algumas práticas educativas fossem silenciadas na história de Acauã?

Nos momentos de entrevistas e nos diálogos construídos com grupos de moradores, sempre realizados na associação, jovens, adultos e o público da terceira idade demonstraram interesse em reativar práticas educativas que não são mais vistas em Acauã. Entre elas estão: a dança de pastoril, o artesanato com argila, as quadrilhas juninas, a festa das mães, o tradicional carnaval e os projetos de leitura que aconteciam na associação.

Na busca por entender com os quilombolas os motivos que levaram ao silenciamento das práticas educativas, algumas falas justificavam que isso se deve à mudança dos tempos, à falta de interesse dos mais jovens, à morte de alguém que

liderava uma prática, à falta de apoio financeiro por parte do setor público, além da ausência de políticas públicas sociais para a comunidade quilombola.

Acauã é um espaço muito visitado por pesquisadores de instituições de ensino, órgãos governamentais e não governamentais, em ações de pesquisa ou formação (seminários, oficinas, projetos de extensão), com o objetivo de agregar saberes à população quilombola. No entanto, segundo os próprios moradores, muitas das atividades inseridas em seu território não têm continuidade, seja pela falta de matéria-prima, no caso dos cursos de artesanato, ou pela ausência de alguém na comunidade que, após o término de uma ação, dê sequência ao que foi desenvolvido.

Na literatura que aborda a fragmentação das culturas na sociedade de modo geral, alguns autores são revisitados para compreendermos melhor os fatores que contribuíram negativamente para esse fenômeno. Almeida (2017) discute as incertezas que nos rodeiam. Para ela: “A transformação, a direção da mudança e o que virá depois do agora não são estatisticamente nem narrativamente possíveis de serem expressos com exatidão” (Almeida, 2017, p. 173).

Frente a esse leque de complexidades, a incerteza se aproxima de qualquer grupo social e sujeito que possa ser afetado. As realidades nos são apresentadas como inacabadas, pois estamos sujeitos a vazios de toda ordem, seja psicológica, cultural, social, política ou identitária. Nesse cenário, o que é válido para fortalecer as dinâmicas culturais e identitárias construídas ao longo dos anos, como observado em Acauã? Depositamos nossa confiança no fortalecimento das práticas educativas como significados para a vida coletiva e a perpetuação viva dos saberes - em outras palavras, os conhecimentos transmitidos de geração em geração, que não se limitam ao presente, mas devem transcender ao futuro.

Este estudo é um convite aberto aos leitores para que, ao entrar em contato com ele, possam conhecer um pouco da história da comunidade quilombola que foi a fonte de nossa pesquisa. Assim, poderão também compreender o voo mais que centenário, iniciado na busca por liberdade, que permitiu a origem de um grupo remanescente de povos africanos. Além disso, terão a oportunidade de entender os cânticos dialogais e emancipatórios, conscientes no horizonte da linguagem coletiva, que resultaram em muitas mudanças nas realidades locais.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o campo acadêmico, para os estudos do GEPEM, e para os moradores de Acauã, no sentido de compreender

as práticas educativas como base das vivências sociais, promovendo o fortalecimento dos aspectos culturais e identitários.

Acauã, com toda a sua história, é uma referência cultural e identitária para a região do Mato Grande. Como um território com mais de duzentos anos de história, apresenta-se como um espaço de resiliência ao refletirmos sobre os episódios do passado e do presente dos quilombolas. Superadas as situações de sofrimento, restam os ensinamentos e exemplos das práxis esperançosas de um povo que não desistiu do projeto de uma vida melhor.

Ressalta-se ainda que, no coletivo de aprendizagem que frequentamos em busca de identificar as práticas educativas, estabelecemos uma relação peculiar entre sujeito e comunidade. Em relação a essa conexão, podemos destacar: a escolinha, com a missão de promover uma educação transformadora; a associação, com seu potencial político e democrático; a casa de farinha, na produção econômica e nas relações de coletividade; o grupo de dança da *Farinhada*, com sua linguagem poética de divulgação da história local; e as religiões, que propõem uma maneira de relação com o sagrado sem desprezar a natureza afro pertencente aos quilombolas.

Segundo Freire (2020, p. 150), “A primeira constatação que faço é que toda prática educativa implica sempre a existência de sujeitos”. A natureza social do grupo por nós estudado, marcada pela impregnação de identidade e cultura, constituiu um modo de agir, pensar e se apropriar de práxis que enriqueceram as relações históricas entre seus membros e buscaram saídas diante das realidades opressoras.

Após a conclusão desta pesquisa, reforçamos nossas palavras com o mesmo entendimento de Arguedas (2017, p. 82): “A história da comunidade, marcada pela resistência de seus antepassados frente ao processo de escravidão, é fonte de inspiração para a construção de um presente e um futuro melhores”. Isso será concretizado por meio do protagonismo dos moradores atuais, especialmente das crianças e jovens envolvidos nas práticas educativas que moldarão o futuro da comunidade.

Neste ponto da escrita, concordamos com Souza (2012, p. 23), quando afirma: “A validade de uma pesquisa não reside na pureza formal e estética ou no rigor hermético, mas, antes, na sua capacidade de dar conta dos fenômenos de suas respectivas realidades”. Sem fugir à complexidade da pesquisa, acreditamos ter apresentado um estudo com a intenção de descrever, contextualizar e defender as

práticas educativas no âmbito da dinamicidade das vidas em Acauã, marcadas por ancestralidades e riquezas existenciais.

As considerações teóricas à luz da literatura freireana permitiram abrir um leque reflexivo, inicialmente voltado para as opressões que os povos quilombolas enfrentaram, reconhecendo a necessidade de diálogos, conscientização e emancipação histórica. Isso só foi possível graças às práticas educativas que mantiveram vivas a cultura e a identidade no seio das realidades da comunidade de Acauã.

A reflexão empreendida da nossa parte, revelou, assim como bem escrevera Freire (2020, p. 141) que “O diálogo é, portanto, o indispensável caminho”. Diálogo, como já afirmado por nós, no sentido além da verbalização. Diálogo como caminho de encontro entre sujeitos que almejam um progresso histórico no território quilombola formado pela ousadia da liberdade e o desejo em manter os ensinamentos das práticas educativas vivos.

Ficou evidente, após nosso percurso de pesquisa, que só podemos compreender o presente de Acauã resgatando seu passado, marcado por práticas educativas presentes na escolarização, na música, nos costumes próprios, nos ensinamentos da produção de farinha, nas ações políticas vistas nos encontros coletivos na associação, no modo de vida apoiado pela solidariedade, na religiosidade, nos ensinamentos de remédios caseiros e no modo de vida peculiar de sujeitos que inauguraram caminhos quando outros estavam a se fechar.

Com as reflexões apresentadas neste trabalho, percebemos que, de uma forma ou de outra, as pessoas de Acauã estão envolvidas na teia da coletividade e, desde a origem de sua gente, têm produzido transformações por meio de um fazer pedagógico contextualizado pelas interações reais. Esse fazer pedagógico, no sentido apontado por Paiva (2003), destaca os fundamentos filosóficos e políticos, assim como as experiências dos envolvidos em movimentos sociais, enquanto portadores de discursos, práticas e conhecimentos que orientam as interpretações da vida cotidiana.

Não concluímos este trabalho, pois as memórias das muitas vivências permanecerão latentes em nossos corações. Foram vivências marcadas por abraços, por café acompanhado de bejú oferecido ao pesquisador, e pelos muitos sorrisos que surgiram quando os entrevistados recordavam as passagens vividas em Cunha Velha e Acauã. Diante dos muitos gestos afetuosos, só nos resta pronunciar em forte tom a palavra gratidão, como uma oração voltada às pessoas do território pesquisado.

Diante de tudo, “Ao voltar nosso olhar para o percurso, as pegadas deixadas para trás denunciam a brevidade do tempo e anunciam que ainda há muito caminho a ser explorado” (Pacheco, 2022, p. 115). Há esperança em novos capítulos que não serão escritos, mas guardados na memória, à medida que percebemos um caminho de pesquisa marcado pela humanização, fruto dos muitos ensinamentos que as práticas educativas proporcionaram.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Ciências da complexidade e educação: razão apaixonada e politização do pensamento**. 2. ed. ver., ampl. Curitiba: Appris, 2017.
- AQUINO, Maria Elizabete Sobral Paiva de. **Em cada canto, um conto, uma canção: o velho, a tradição oral e a educação no mato grande/RN**. Natal – 2013. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2013.
- ARAÚJO, Richard Medeiros de; JUNIOR, Sebastião Arruda. Cultura da mandioca: estudo de caso no agreste potiguar à luz dos relacionamentos inter atores. *In: HOLOS*, Ano 29, Vol. 6. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Work/Downloads/cousteau,+18071600\\_Vol\\_6\\_2013\\_052\\_072.pdf](file:///C:/Users/Work/Downloads/cousteau,+18071600_Vol_6_2013_052_072.pdf). Acesso em: 05 jan. 2024.
- ARGUEDAS, Alberto Gutiérrez. **Identidade étnica, movimento social e lutas pelo território em comunidades quilombolas: o caso de Acauã (RN)**. Geographia, Niterói, Universidade Federal Fluminense. Vol. 19, n. 39, p. 70-84, jan./abr, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13787>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- ARGUEDAS, Alberto Gutiérrez. **Território para viver: Dinâmicas territoriais da comunidade quilombola de Acauã**. Natal, RN, 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Geografia. 2014.
- CASCUDO, L. da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto; Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução, Alexandra Lemos e Rita Espanha; coord. de José Manuel P. de Oliveira e Gustavo Leitão Cardoso. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 530 p. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; 2).
- CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro; MOREIRA, Núbia Regina; PINA, Maria Cristina Dantas. Definições de Prática Educativa em diferentes perspectivas sócio-educacionais. *Linguagens, Educação e Sociedade*, Teresina, Ano 19. n.31 jul./dez. 2014. *In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI* | ISSN 2526-8449 (Eletrônico) 1518-0743 (Impresso).
- DELIZOICOV, Demétrio; DELIZOICOV, Nadir Castilho; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da. Paulo Freire e o ser humano em processo de formação permanente. *In: Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 29, p. 353-369, mai./ago. 2020.
- DICIONÁRIO UNESPE do português contemporâneo**. Organizador: Francisco S. Barbosa e colaboradores. São Paulo: UNESP, 2004.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 3. ed. Paulus: São Paulo, 2008.

- DUTRA, Acácio Barros Fernandes. **O método cubano de alfabetização no assentamento são Sebastião I: Práticas educativas é movimento.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal – RN, 2018.
- FERNANDES, Melquisedeque de Oliveira. **A encruzilhada da vida política em assentamentos de reforma agrária no Rio Grande do Norte.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal – RN, 2010.
- FILHO, C. F. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra.** Acauã, Poço Branco/RN. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a liberdade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2006.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 46. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 12. ed. Trad. De Moacir Gadotti & Lilian Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** Tradução Rosiska Darcy de Oliveira. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 59. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GARCIA, Luciane Terra dos Santos. Cultura e ideologia: relações de dominação na reforma educacional da América Latina. *In: Educação e diversidade: temas em debate.* Organização Maria José Costa Fernandes, Luciane Terra dos Santos, Débora Maria do Nascimento. 1. ed. Curitiba, PR: CVR, 2014.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Apresentação: Educação antirracista e aquilombamento da universidade. *In: Educação quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos / organização [de] Gilvânia Maria da Silva, Romero Antonio de Almeida Silva, Selma dos Santos Dealdina, Vanessa Goç Alves da Rocha.* São Paulo: Jandaíra, 2021.

GUSTSACK, Felipe. Identidade Cultural. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro FASE, 1989.

MEDEIROS, Tarcísio. **O negro escravo**: da etnia à abolição e os remanescentes de sua aculturação no Rio Grande do Norte – História – UFRN. Ano II. Natal: CCHLA/UFRN, 1988.

MELO, P. S. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

MENDONÇA, Ariane Rochelle; NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do.; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. Ateliê Práticas Educativas em movimento: por uma práxis freireana permanente. *In*: **Práticas coletivas**: o pensamento e a práxis pedagógica em Marta Pernambuco. Organizado pro Maria Cramem Freire Diógenes Rego e Irene Alves Paiva. Natal: SEDIS-UFRN, 2019.

MORIN, Edgar. **A religião dos saberes**. O desafio do século XXI. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. ver. São Paulo: Cortez; Brasília, DF; UNESCO, 2011.

MOURA, Clóvis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. 5. ed. Teresina: EdUESPI, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Márcia Jucilene do. **Por uma Pedagogia Crioula**: Memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição dos Crioulos – PE, 2017. Dissertação de Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais - MESPT, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. 2017.

NAZARIO, Gessiane. A jornada como artefato de formação política e intelectual. *In*: **Educação quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos / organização [de] Gilvânia Maria da Silva, Romero Antonio de Almeida Silva, Selma dos Santos Dealdina, Vanessa Gonçalves da Rocha. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NUNES, Georgina Helena Lima. Aquilombamento escolar, práticas revisitadas e possibilidades insurgentes: pedagogias e cirandas “que são de todos nós”! *In*: **Educação quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos / organização [de] Gilvânia Maria da Silva, Romero Antonio de Almeida Silva, Selma dos Santos Dealdina, Vanessa Gonçalves da Rocha. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NUNES, Georgina Helena Lima. Educação Quilombola. *In*: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações étnico-Raciais**, Brasília: SECAD, 2010.

OSOWSKI, Cecília Irene. Cultura. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PACHECO, Willyan Ramon de Souza. **Educação em saúde para transformar o mundo**: Uma experiência na Tanzânia. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2022.

PAIVA, Irene Alves de. A ação dos atores sociais na formação de grupos em Assentamentos Rurais/RN. *In*: Pernambuco, Marta Maria Castanho Almeida. **Práticas coletivas em assentamentos rurais**. Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco, Irene Alves de Paiva (Org.). Natal, RN: EDFRN, 2014.

PAIVA, Irene Alves de. **Os aprendizados da prática coletiva**: assentados e militantes no MST. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PAIVA, Irene Alves de; DIAS, Aline; FERNANDES, Melquisedeque de Oliveira. Projeto INCRA-Ambiental: uma experiência interdisciplinar. *In*: Pernambuco, Marta Maria Castanho Almeida. **Práticas coletivas em assentamentos rurais**. Marta Maria Castanho Almeida Pernambuco, Irene Alves de Paiva (Org.). Natal, RN: EDFRN, 2014.

PAIVA, José Carlos de. Este tempo em que vivemos precisa de nossa atenção e de nossa interferência: o exemplo da luta das comunidades quilombolas. *In*: **Educação quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos / organização [de] Gilvânia Maria da Silva, Romero Antonio de Almeida Silva, Selma dos Santos Dealdina, Vanessa Gonçalves da Rocha. – São Paulo: Jandaíra, 2021.

PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. A construção do programa escolar via tema gerador. *In*: **Práticas Coletivas na Escola**. Marta Pernambuco, Irene Alves de Paiva, (organizadoras). – Campinas, SP: Mercado de Letras; Natal, RN: UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador).

PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. **Educação e escola com movimento**: do ensino de ciências à transformação da escola pública. 1994. 152f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PERNAMBUCO, Marta Maria; SILVA, Antonio Gouveia da. Paulo Freire: a educação e a transformação do mundo. *In*: CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; GRÜN, Mauro; TRAJBER, Rachel (orgs.). **Pensar o ambiente**: bases filosóficas para a educação ambiental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2006, p. 205-217.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **A formação docente no fazer e refazer da prática pedagógica**. 2006. 238f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006. (Volume 1 e 2).

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. O fazer-refazer das práticas educativas em movimento. *In: Práticas coletivas: o pensamento e a práxis pedagógica em Marta Pernambuco*. Organizado por Maria Carmem Freire Diógenes Rêgo e Irene Alves Paiva. Natal: SEDIS-UFRN, 2019.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. Referencias formativas do Grupo de Estudos Práticas Educativas em Movimento. *In: Revista Educação em Questão*, Natal, v. 57, n. 51, p. 1-21, e-15546, jan./mar. 2019.

ROCHA, Vanessa Gonçalves da. Docência quilombola: quilombo como espaço de formação. *In: Educação quilombola: territorialidades, saberes e as lutas por direitos / organização [de] Gilvânia Maria da Silva, Romero Antonio de Almeida Silva, Selma dos Santos Dealdina, Vanessa Gonçalves da Rocha*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ROSSATO, R. Práxis. *In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SANDÍN ESTEBAN, Maria Paz. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Tradução Miguel Cabresa. Porto Alegre: AMGH, 2010.

SANTOS, A. S. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SANTOS, Jailma da Silva Medeiros. **A expansão canavieira no vale do Ceará-Mirim 1845- 1930**. 2001. 46f. Monografia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2001.

SAUL, Ana Maria. Políticas e práticas educativas inspiradas no pensamento de Paulo Freire: pesquisando diferentes contextos. **Currículo sem fronteiras**. São Paulo, v. 14, n. 3, p. 129-142, set/dez 2014. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol14iss3articles/saul.pdf>. Acesso em: 15 set. 2023.

SCHNORR, Giselle Moura. Pedagogia do oprimido. *In: Paulo Freire. Vida e Obra*. / Organizado por Ana Inês Souza, Giselle Moura Schnorr, Sônia Fátima Schwendler, Marilene A. Amaral Bertolini, Targélia de Souza Albuquerque, Maria Aparecida Zanetti. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SILVA, A. N. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SILVA, F. C. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, F. J. C. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, J. C. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, M. B. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, M. B. C. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, M. F. B. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, M. G. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, M. S. C. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, M. Z. B. **[Entrevista concedida a] Paulo Henrique Bezerra**. Acauã, Poço Branco/RN. 2023.

SILVA, Mycleison Costa da. **"Estivemos aqui"**: uma reportagem sobre a escravidão de negros no vale do Ceará-Mirim no século XIX. 2022. Monografia (bacharel em jornalismo. Departamento de comunicação social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal – RN, 2022.

SILVA, Rosinete Paulino da. **Com a palavra as crianças**: o processo de constituição identitária da criança da comunidade quilombola de Acauã - Poço Branco/RN. Natal, 2014.

SOUZA, Bárbara Oliveira. **Aquilombar-se**: panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola Brasileiro. 2008. (Mestrado em Antropologia). – Universidade de Brasília. Programa de pós-graduação em antropologia social. Brasília, 2008.

SOUZA, Bárbara Oliveira; SILVA, Givânia Maria da. **Educação quilombola**: territorialidades, saberes e as lutas por direitos. São Paulo: Jandaíra, 2021.

SOUZA, Sandra Mara de Oliveira. Diálogos sobre o diálogo. *In*: **Comunicação e educação**: diálogos possíveis / Márcia Barbosa Da Silva, Sandra Mara de Oliveira Souza, Sebastião Faustino Pereira Filho [organizadores]; revisão Risoleide Rosa, Paula Frassinetti dos Santos. EDUFRN, 2012.

VALLE, Carlos Guilherme Octaviano do. **Quilombo de Acauã**: família, cor e política no Rio Grande do Norte do século XXI. Natal, RN: EDUFRN, 2013.

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM MEMBROS DO  
CONSELHO DA ASSOCIAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Roteiro de entrevista (A) – Membros da associação

Nome:

Sexo:

Idade:

Sempre morou em Acauã: sim ( ) não ( )

01 – Desde quando estás na associação e qual é a tua função?

02 – Qual a importância da associação para o quilombo?

03 – Quais são os dias de reuniões?

04 – A participação das pessoas é positiva nos momentos de encontros?

05 – Quais são as práticas festivas realizadas com os membros da associação?

06 – Como a associação atua para melhorar a realidade do quilombo?

07 – Como é o processo de eleição dos membros do conselho da associação?

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM LÍDERES RELIGIOSOS**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Roteiro de entrevista (B) – Liderança religiosa

Nome:

Sexo:

Idade:

Sempre morou em Acauã: sim ( ) não ( )

01 – Qual religião você frequenta?

02 – Como se deu tua liderança nessa religião?

03 – Desde quando as práticas religiosas da tua religião estão presentes no quilombo?

04 – Quais os dias que acontecem alguma atividade da tua religião aqui?

05 – Que atividades, além das religiosas, as pessoas da tua igreja realizam em Acauã?

06 – Fale um pouco mais da atuação da tua igreja aqui no quilombo.

**APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA REALIZADO COM MORADORES DE  
ACAUÃ QUE ATUAM NA ESCOLA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Roteiro de entrevista (C) – Professora e Coordenação pedagógica

Nome:

Sexo:

Idade:

Formação acadêmica:

Sempre morou em Acauã: sim ( ) não ( )

01 – Há quanto tempo você trabalha na escola?

02 – Como você caracteriza a escola de Acauã?

03 – Como desenvolve-se as dinâmicas de ensino e aprendizagem na escola?

04 – Qual a importância da escola para comunidade?

05 – A escola segue as diretrizes de ensino de história e cultura afro-brasileira em sala de aula?

06 – Quais dificuldades a escola enfrenta para proporcionar uma educação de qualidade?

07 – As práticas de ensino e aprendizagem abordam o tema cultura e identidade quilombola?

**APÊNDICE D – REUNIÃO COM MULHERES DE ACAUÃ PARA CRIAÇÃO DO  
GRUPO DE ARTESANATO COM FOCO NA PRODUÇÃO DE PANEIAS DE  
BARRO – DATA: 15 DE MAIO DE 2024**



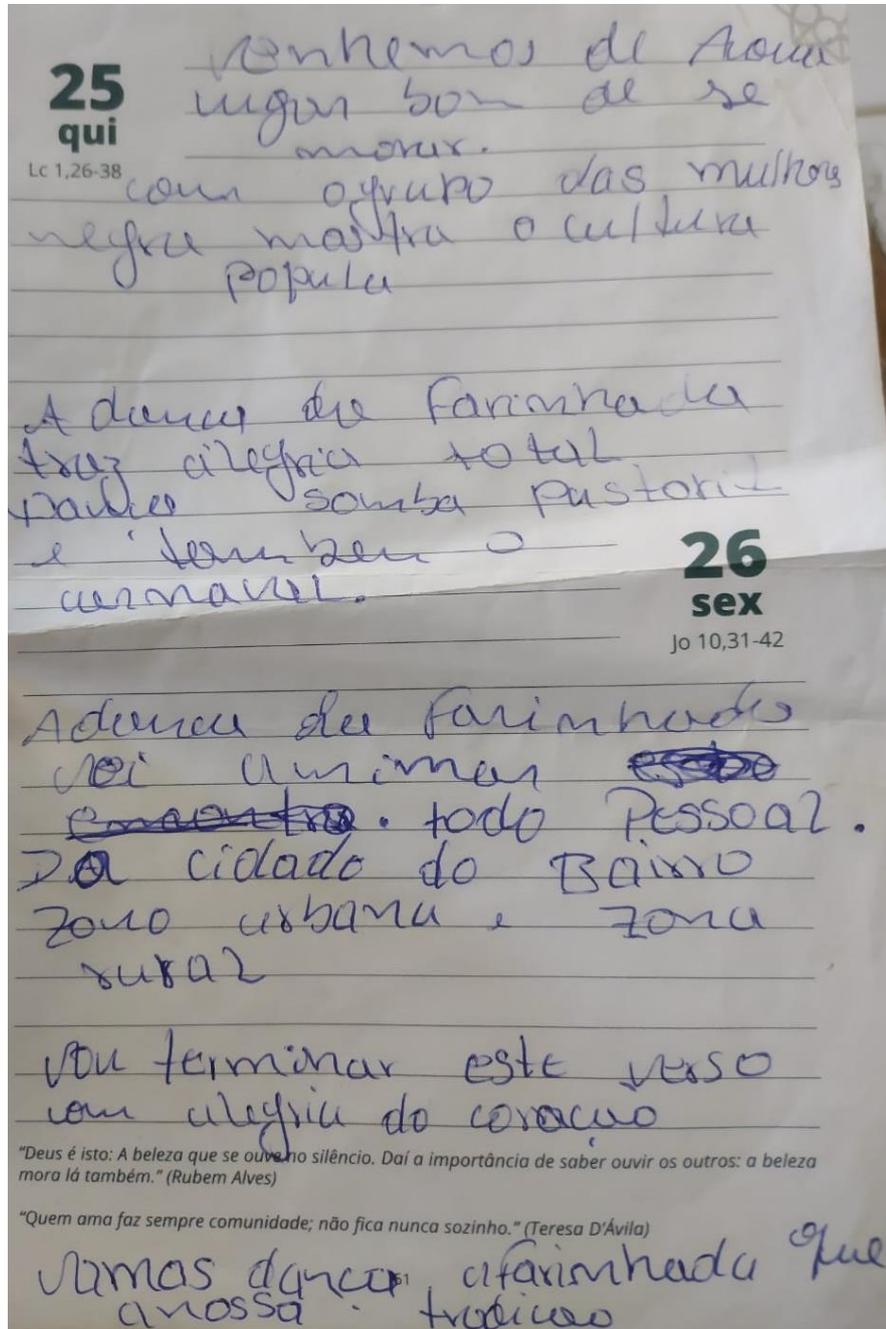
**APÊNDICE E – POÇO TUBULAR - UMA REIVINDICAÇÃO ANTIGA DAS  
PESSOAS DO QUILOMBO QUE FOI EFETIVADA EM 2023 POR INICIATIVA DA  
PREFEITURA MUNICIPAL**



**APÊNDICE F – PRAÇA ECOLÓGICA CONSTRUÍDA PELAS PESSOAS DE  
ACAUÃ COM OBJETIVO DE UM ESPAÇO PARA PRÁTICAS DE LAZER -  
FINALIZADA EM 2023**



**APÊNDICE G – POESIA ESCRITA POR FRANCISCA CATARINO  
(ARTICULADORA DO GRUPO DA FARINHADA), PARA ABERTURA DE EVENTO  
NA PRAÇA PÚBLICA DA CIDADE DE POÇO BRANCO/RN, DEZEMBRO DE 2022**



**ANEXO A – DOCUMENTO OFICIAL DE REGISTRO DA COMUNIDADE  
QUILOMBOLA DE ACAUÃ**



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**  
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

**Directoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro**

**CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO**

O Presidente da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a Comunidade de ACAUÃ, localizada no município de Poço Branco, Estado do Rio Grande do Norte registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 001, Registro n.º 093, f. 97, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): Maurino Catarino da Silva CPF n. 297.166.754-53  
Presidente da Associação de Moradores de Acauã

Eu, Maria Bernadete Lopes da Silva (Ass.).........., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, 25 de setembro de 2004.

O referido é verdade e dou fé

  
**UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO**  
Presidente da Fundação Cultural Palmares